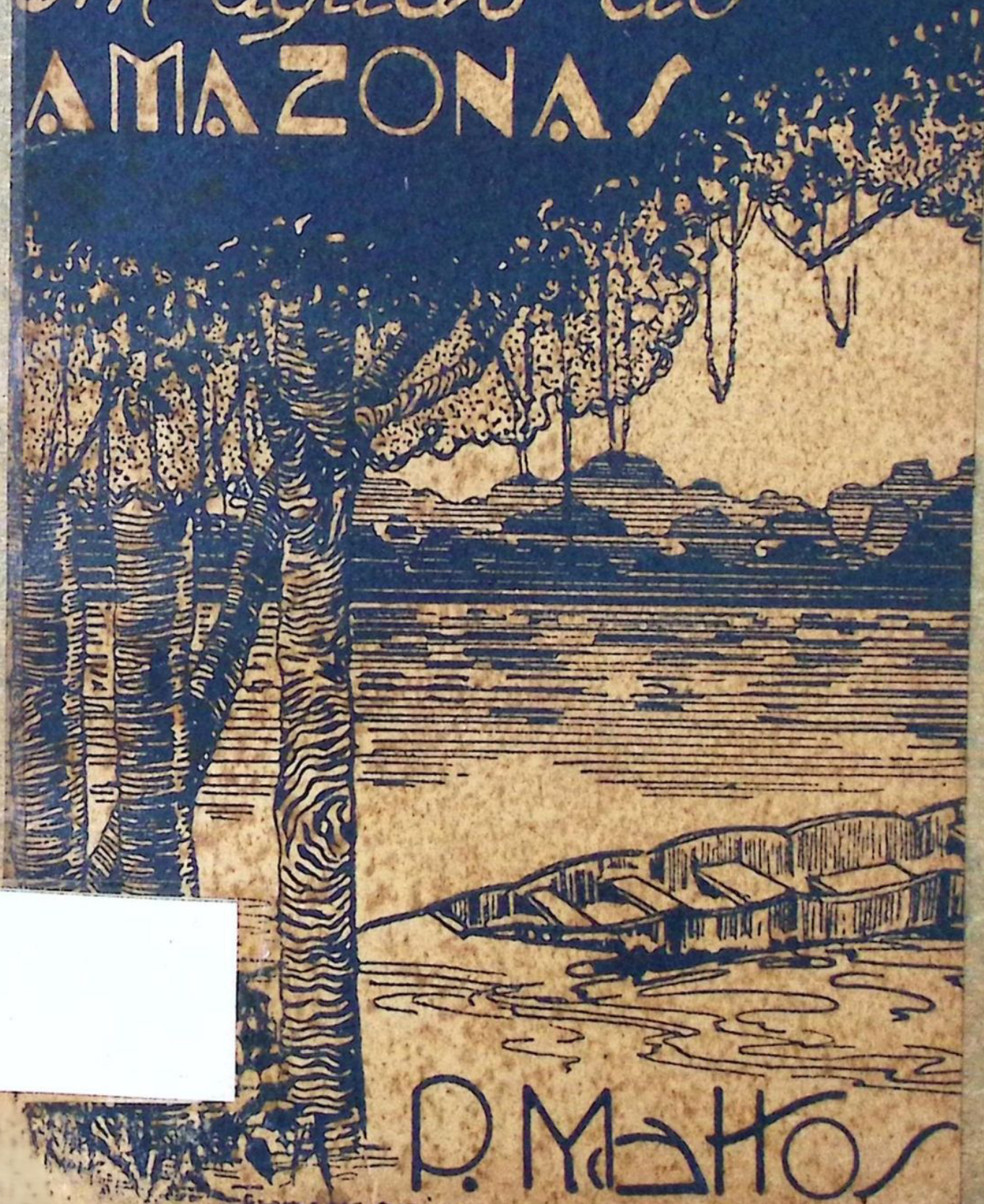


30 DIAS

em aguas do
AMAZONAS



P. MATTO

113
est



**TRINTA DIAS
EM AGUAS
DO AMAZONAS**

P. MATTOS

Trinta dias em águas do Amazonas
1933

TRINTA DIAS
EM AGUAS
DO AMAZONAS

1 9 3 3

CALVINO FILHO
E D I T O R

*Am
910.98113
M435X*

Biblioteca Arthur Reis
Registro: 00370
Data: 26/02/02

Este trabalho, sobre uma viagem de Belém do Pará a Rio Branco, capital do Acre, é resultado de observações feitas por quem não pretendia escrevel-as. O tempo ao tempo succedeu e, de regresso ao meio em que vivia anteriormente, fui assediado para dizer o que vi, o que observei.

Cançado de repetir, resolvi escrever. Escrevi em forma de reportagem, sem cuidados de litteratura, visando apenas ser comprehendido.

E' um trabalho despretençioso mas que talvez possa ser util aos que o lerem. Si o leitor ainda não viajou pelos rios da região amazonica, encontrará alguma cousa nova que lhe possa augmentar os conhecimentos. Si já teve oportunidade de deixar a civilisação que se estende pelo littoral e ir observar ou mesmo viver no interior amazonense, reviverá momentos e factos que lhe podem ser agradaveis ou dolorosos, de accordo com o que passou nas terras em que o homem é um intruso e a Natureza é senhora absoluta.

Rio, 1933.

PEDRO MATTOS.

A' memoria de meus paes —

*Francisco Dias de Oliveira Mattos
e Margarida Gomes de Andrade
Mattos*

e de minha tia —

*Maria Antonia Baptista Gon-
çalves.*

Gratidão á collaboradora do meu trabalho diario

— *Alzira de Abrêo Mattos*

AS COMMODIDADES DE UM "VA-
TICANO"

IMPRESSÕES DA PRIMEIRA ETAPA
O PORTO DE JARARACA

Abril de 1929.

Cidade de Belém do Pará.

Atracado ao cáes está o "Vaticano". E' um amplo navio, de relativa commodidade. A primeira impressão é pessima. Aggrava-a a confusão geral estabelecida pelos que chegam carregados com malas e embrulhos e pelos que ali estão para se despedir dos primeiros.

A disposição das accomodações, as longas mesas communs, os camarotes acanhados e telados dando a impressão de abafamento, não condizem com o nome pomposo que dão áquella embarcação: "Vaticano".

Essa denominação só se torna coherente quando, de regresso, se embarca naquelle navio, grande, de proporções gigantescas ante a com-

paração com outros de menores dimensões em que se é obrigado a viajar pelos rios do Amazonas.

Para o viajante já habituado ao máo passadio nas viagens pelo interior, um sorriso se esboça e uma phrase sáe expontanea dos labios na qual deixa transparecer toda a má impressão e com ella se conforma:

— Podia ser peor!...

Retiradas as pranchas, postas em movimento as machinas, o navio vagarosamente se afasta do cáes, deixando as silhuetas que agitam nas mãos os lenços brancos e que, pouco a pouco, se tornam imperceptiveis.

Começa então o contacto com a vida de bordo.

As extensas mesas estão ladeadas pelos gabinetes de toilette e servidão. Ao fundo, a copa, logo após um salão e, de cada lado, os camarotes. Na frente outra serie de camarotes, e entre elles, um salão para musica, mais amplo que o outro.

O navio vae repleto. Os salões deixaram de ter as suas finalidades para se tornarem appartamentos annexos aos camarotes.

Nelles se vê desde a victrola mais cara, passando pela estante para violino, até a cama de



O entardecer no Amazonas. Um detalhe da paisagem amazonense.

viagem, enrolada a um canto, juntamente com o sacco de caucho para roupa servida.

Sóbe-se á parte superior do navio. Ali se encontra a casa de commando e os camarotes da officialidade. A' retaguarda, junto ao barbeiro, é difficil andar. As redes se cruzam, atadas umas sobre as outras. As côres mais diversas se chocam, dando uma impressão de vida e alegria.

Todos procuram afastar-se das chaminés. Ali, a temperatura é mais elevada e, por isso, esse ponto é escolhido para as bagagens recommendadas e que, assim, ficam sempre aos olhos vigilantes de seus donos. São moveis, caixotes com louças, gaiolas com passarinhos e outras miudezas diversas. Da primeira classe passa-se á terceira. Não existe na verdade, segunda classe.

A terceira classe é em baixo junto á carga, aos animaes que vão em consignaçoão, ás machinas, ao combustivel.

O aspecto é de miseria e promiscuidade. Não ha camarotes.

As redes, ao invés de apresentarem um aspecto agradável, dão a impressão de sujeira. O soalho, apesar das lavagens constantes, está negro.

Os casaes dormem proximo e á vista dos desconhecidos.

Com as jovens o mesmo succede. As refeições são feitas em qualquer canto, junto das máquinas, ao lado do gado bovino, suino ou cavallar, ou mesmo sobre os caixões de carga e montes de lenha.

O mestre, o grão senhor da terceira classe, o rei daquelle reino de promiscuidade, faz imprimir aos seus actos e palavras um accento de autoridade e firmeza que o torna respeitado por todos.

Não admitte recalcitrancias, nem vacillações no cumprimento de suas ordens.

E' elle o verdadeiro senhor. Ali só se faz o que elle quer.

Si assim não fosse muito se teria que lamentar. Aquella cabeça pensante geralmente usa de todo o imperio de sua autoridade, apenas para manter a ordem, e dahi não se verificar nenhum facto anormal durante a viagem. Caminhando com cautela naquelle chão escorregadio, afim de manter o equilibrio, demanda-se a escada e, galgada esta, volta-se a ambiente mais sadio.

O som estridente de uma sineta annuncia a approximação do almoço. Cada um se prepara para a hora da apresentação geral.

Faz-se toilette, embora que simples. Meia hora depois o ultimo signal faz com que os viajantes se avizinhem das mesas.

Ali estão os melhores ternos, os mais vistosos vestidos, os cabellos penteados e as faces avivadas com rouge e pó de arroz.

E' grande o numero de passageiros. O despenseiro, cumprindo as ordens do commandante, distribue os lugares. Os de rotulos mais vistosos são localisados nas proximidades da cadeira do commandante, na mesa principal, que por este é presidida. Os outros menos favorecidos pelo physico, sem rotulo, de menos recursos e de menos estampa, vão para a mesa secundaria que tem na presidencia o immediato. Não conhecemos o visinho da esquerda, nem tão pouco a matrona que está á nossa direita. A' frente senta-se um desses amigos eventuaes, cuja amisade foi feita a poucos minutos na rapida visita pelo "Vaticano".

A refeição transcorre silenciosa. O menú foi caprichado, pois a "primeira impressão é a que fica". Alguns, fazendo alarde de seus recursos, pedem bebidas e aguas mineraes e repellem, desdenhosamente, por não ter preço, a agua gelada commum e abundante.

Outros, mais modestos, bebem essa mesma agua, cuja côr é duvidosa. Servem o doce e o café, e, com o commandante, todos se levantam.

Alguns fazem a circular no tombadilho. Conhecem os habitos e assim evitam a má digestão. Outros, pesados, satisfeitos, somnolentos, sentam-se nas cadeiras de descanso, e pouco depois alheiam-se completamente a tudo que se passa em redor, e dormem.

Os que tem a curiosidade de dirigir a attenção para a grandiosidade do ambiente percebem então como são de belleza incomparavel os panoramas que se succedem. São os "furos" que o "Vaticano" atravessa tocando com seu arcabouço os ramos pendentes das margens e dando a impressão de que breve se verificará um encalhe.

E' puro engano. Essa supposição se desfaz em pouco.

Um vasto largo se abre e o navio caminha isolado na immensidão daquella massa dagua, onde as margens desaparecem no longiquo horizonte, vendo-se, apenas, perdidas, como a boiar, semelhantes a grandes navios carregados de vegetação, as numerosas ilhas.

De um lado está a maior dentre as maiores, a de Marajó.

Ali parece terminar a formidavel massa liquida, no emtanto, kilometros e kilometros além, ella é a mesma, dominando sempre aquella região onde a terra não a pode sobrepujar, pois é invadida e subjugada por periodos longos, immobilisando as culturas.

Novamente o navio vae espatifar-se sobre a floresta.

Elle navega em sua direcção e os menos prevenidos veem um desastre imminente. Sulcando as aguas o "Vaticano" avança.

O piloto não erra. No dedalo de furos, igarapés, ilhas, ilhotas, elle se embrenha sem vacillar. E' por uma estreita corrente dagua que, agora, a embarcação penetra. Não foi sobre a floresta que ella avançou. Era a trilha verdadeira que o piloto seguia: um estreito furo, mal permitindo que os passageiros estivessem no tombadilho, pois os selvagens ramos da floresta, não medindo conveniencias, penetram e se chocam com os ferros da balaustrada.

Novamente está o navio num largo. A amplidão do horizonte apresenta um bello panorama.

E' a bahia de Marajó. Os passageiros novatos, "brabos", como os chamam os experimentados, acham singular o baloiço do navio. A em-

barcação joga como se estivesse em pleno oceano. Explicam os conhecedores da rota de navegação do Amazonas que o lugar é perigoso. Aquella zona é batida por ventos contrarios, dahi as ondas na massa liquida e o baloiço do "Vaticano".

O jogo se torna insupportavel. Alguns chegam a enjoar.

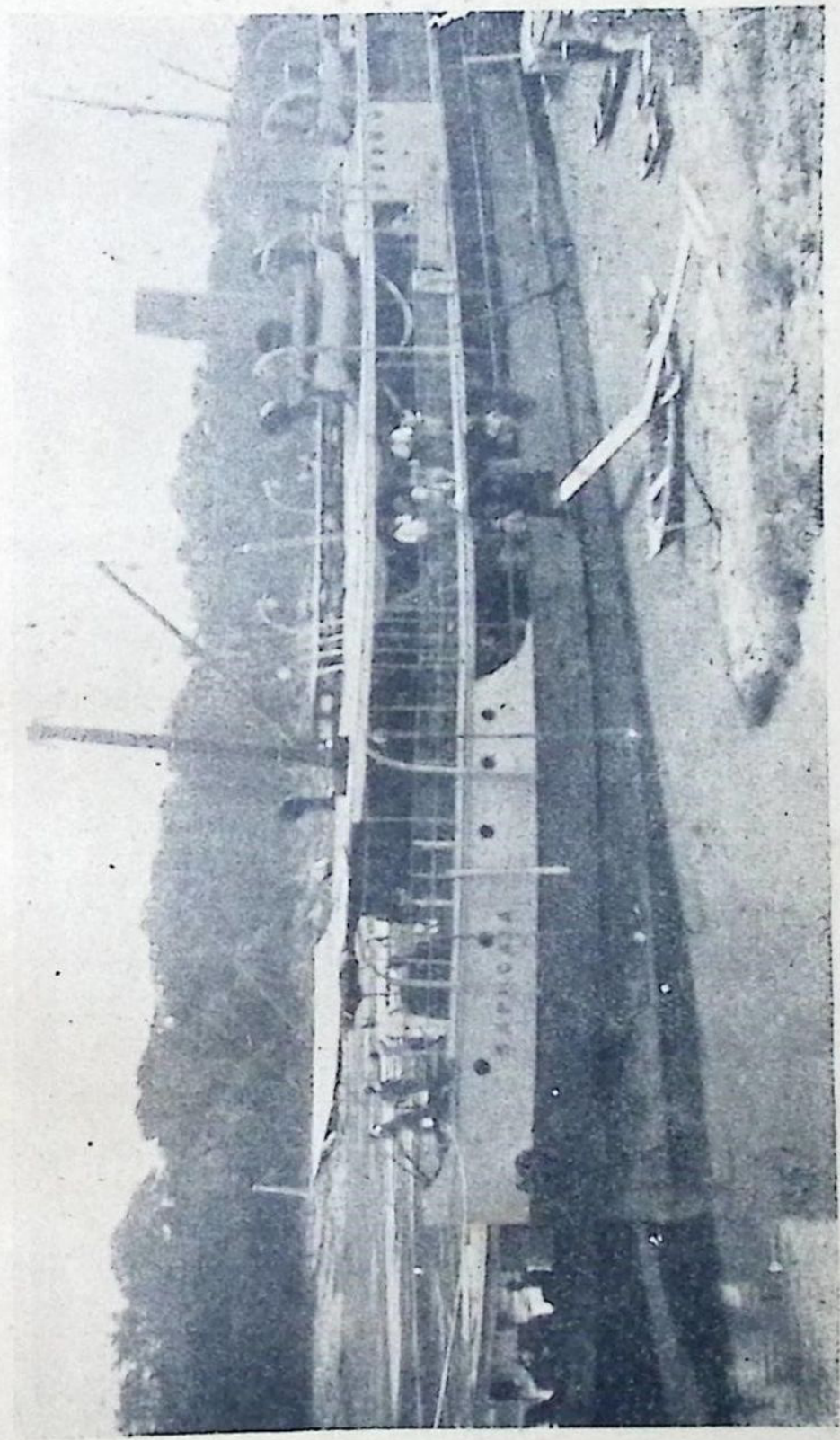
Logo áquelle periodo succede-se outro em que domina a bonança.

O "Vaticano" volta a percorrer o emaranhado de furos e a mansidão das aguas traz calma e prazer aos passageiros.

Alguns apitos. E' o porto de Jaráraca. O "Vaticano" vae parar pela primeira vez.

Novamente se ouvem apitos. Junto ao ponto em que a embarcação vae atracar, commecam a formigar alguns vultos. São habitantes da localidade que se aprestam para a manobra. E' virada a prôa para o ponto de partida.

Pouco a pouco o navio encosta. E' jogada a fina corda que leva amarrada o grosso cabo. Presas a popa e a prôa, a grossos troncos, é arriada a prancha. Os caboclos, com saccos de aniagem ás costas, investem prancha acima e invadem a embarcação.



Um dos tipos de "gaiola" que penetram pelos altos rios.

Pouco depois começa o serviço de embarque de lenha.

E' um trabalho monotonico, longo e sem nenhum attractivo. A elle se entregam cerca de vinte homens e mesmo alguns rapazolas.

O immediato fiscaliza a entrada da lenha.

Cada homem carrega, por vez, dez achas, recebendo a ficha correspondente.

Junto ao porto vêm-se pilhas de lenha prompta para o embarque.

Naquelle primeiro porto o viajante sente vontade de ir á terra. Pergunta ao commandante quanto tempo durará a parada. Como resposta tem a informação de que, ali, o navio permanecerá cerca de duas horas e deverá receber, mais ou menos, quinze a vinte milheiros de achas.

O tempo de parada permite a visita ao estabelecimento commercial, e, então, entra-se em contacto com uma industria, cujos productos invadem os Estados amazonicos, galgando mesmo a Bolivia. Como principal dentre os productos destaca-se a aguardente, mais conhecida apenas como "jaráracá", nome que lhe vem da propriedade donde procede.

E' de "jaráracá" que ali se abastecem todos os navios que a vão espalhar pelos seringaes dos altos rios.

Ao lado daquelle estabelecimento donde emana o alcool que se dispersa pela região amazonica entorpecendo o vigor do homem que ali habita, o viajor vê, em destaque, o titulo pomposo de uma escola, e poucos metros além o de um posto sanitario. São instituições que, no seguir da viagem, o curioso encontrará logo de entrada, em todas as localidades, por mais modestas que sejam, do territorio paraense.

Volta-se para bordo.

O serviço de abastecimento de combustivel continua. Ouve-se a algazarra dos caboclos que não cessam nas suas viagens de vae e vem. Por fim, uma algazarra maior. Está terminada a faina. Enrolando os saccos com que protegem as cabeças, os caboclos vão sentar-se sobre as pilhas da lenha que ainda resta da devastação, fatigados e dirigindo olhares curiosos para os passageiros da primeira classe.

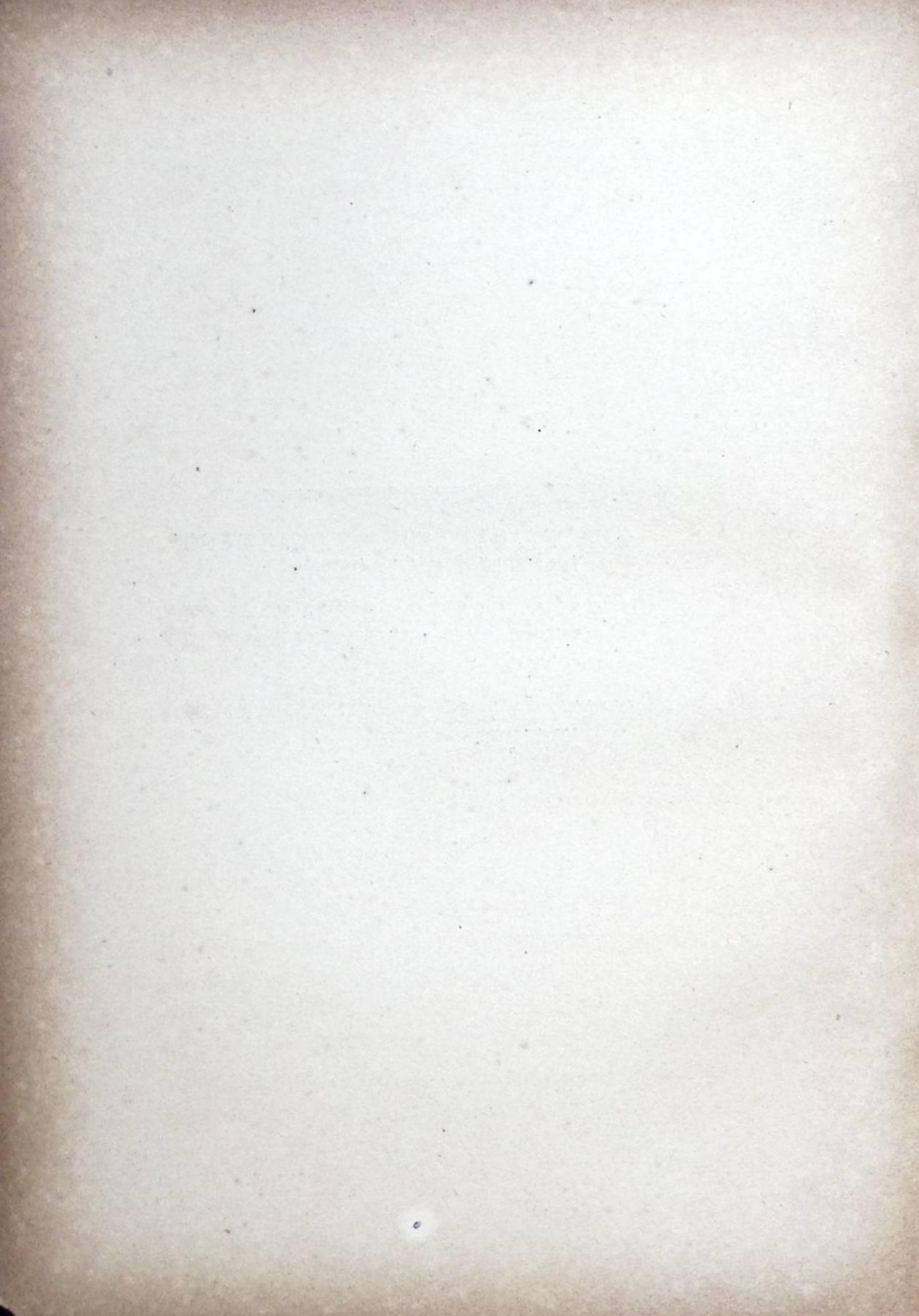
Sôa o apito da embarcação. As pranchas são retiradas. Os cabos são desatados. As machinas resfolegam e se põem em movimento. A manobra começa pela virada da prôa em direcção ao rumo que se segue. O "Vaticano" dá o signal de despedida e avança silenciosamente, afastando-se da margem.

A MAGESTADE DO RIO MAR

**GURUPÁ, SANT'AREM E SUAS RECOR-
DAÇÕES DE VIAGEM**

**A GARGANTA DE OBIDOS E AS EMO-
ÇÕES DE UM EMBARQUE DE
GADO**

**TRANSPONDO AS LINDES AMAZO-
NENSES**



Deixámos o porto de Jaráraca.

O panorama volta a impressionar. As belezas da natureza voltam a despertar a atenção. Cousas novas se apresentam á vista, que não se fatiga de descobrir em cada metro que o navio avança, paisagens ineditas aos pinceis mais habeis e ás imaginações mais ferteis.

Os successivos quadros impressionam a retina de maneira forte e viva.

A atenção do viajor não se afasta da visão panoramica que se lhe apresenta.

O navio deixa o estreito de Breves e avança na massa liquida immensa. E' o Rio Mar em toda a sua vastidão. Enorme, grandioso, apresentando-se em toda a sua magestade.

Ali, as margens não se avistam. As ilhotas, que até então eram contornadas a momento des-

apparecem no horizonte, como que ligadas ás margens.

Estamos em pleno rio Amazonas. O ambiente é quente e abafadiço.

A exuberancia da natureza que até então se podia examinar a todo o momento, agora é quasi impossivel verificar. As margens estão longinquas. Por causa deste facto, a monotonia da paisagem, que já se accentuava nos panoramas de cousas grandiosas e que, apesar de já se terem tornado vulgares, ainda impressionavam, — desaparece por algum tempo. Agora, só se vê agua barrenta, o navio que avança vagarosamente, e, distante, as miniaturas das florestas.

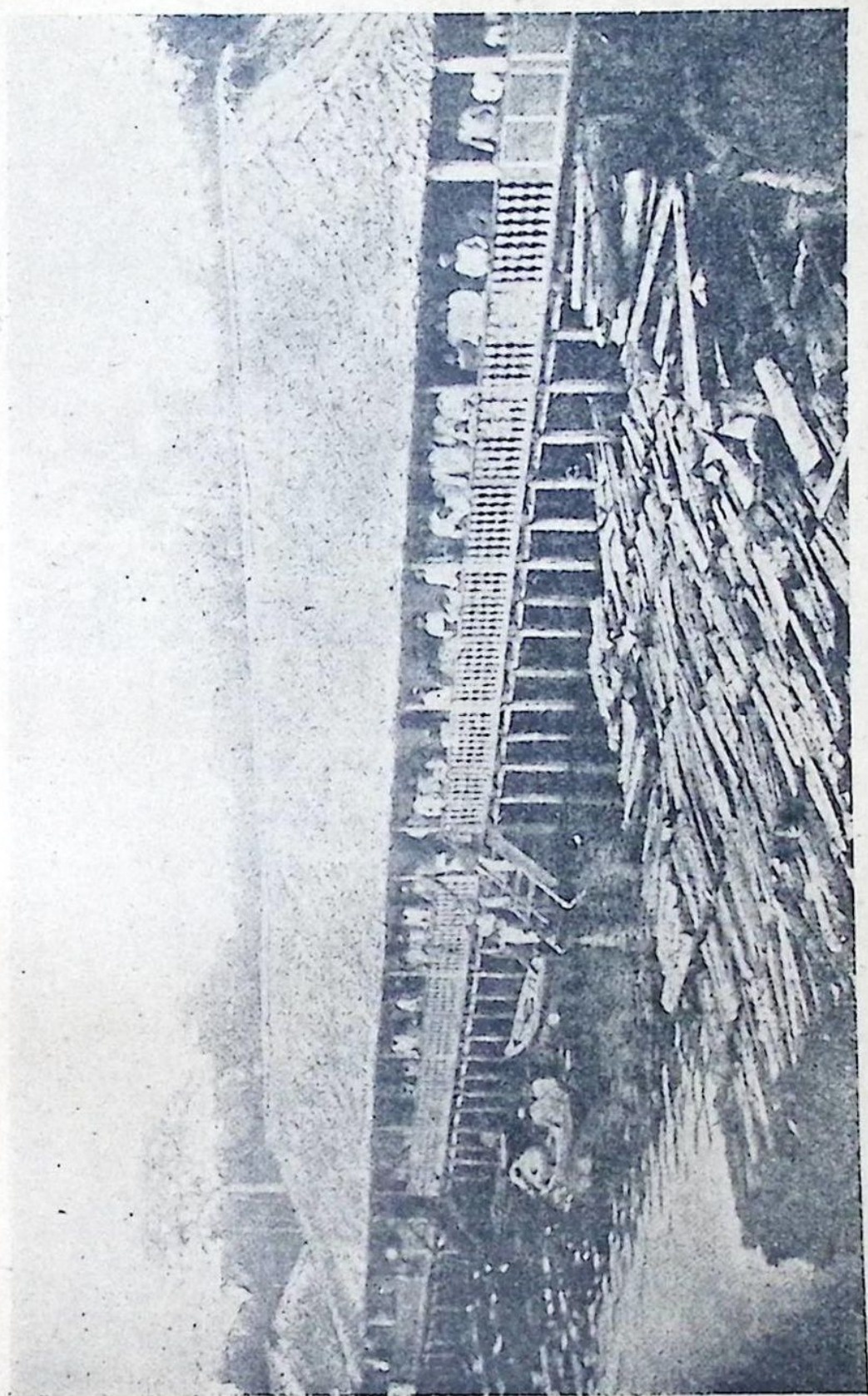
Gurupá divisa-se ao longe. E' uma cidade decadente. Da sua antiga pujança existe vestigios nas ruinas de um forte.

O navio não pára.

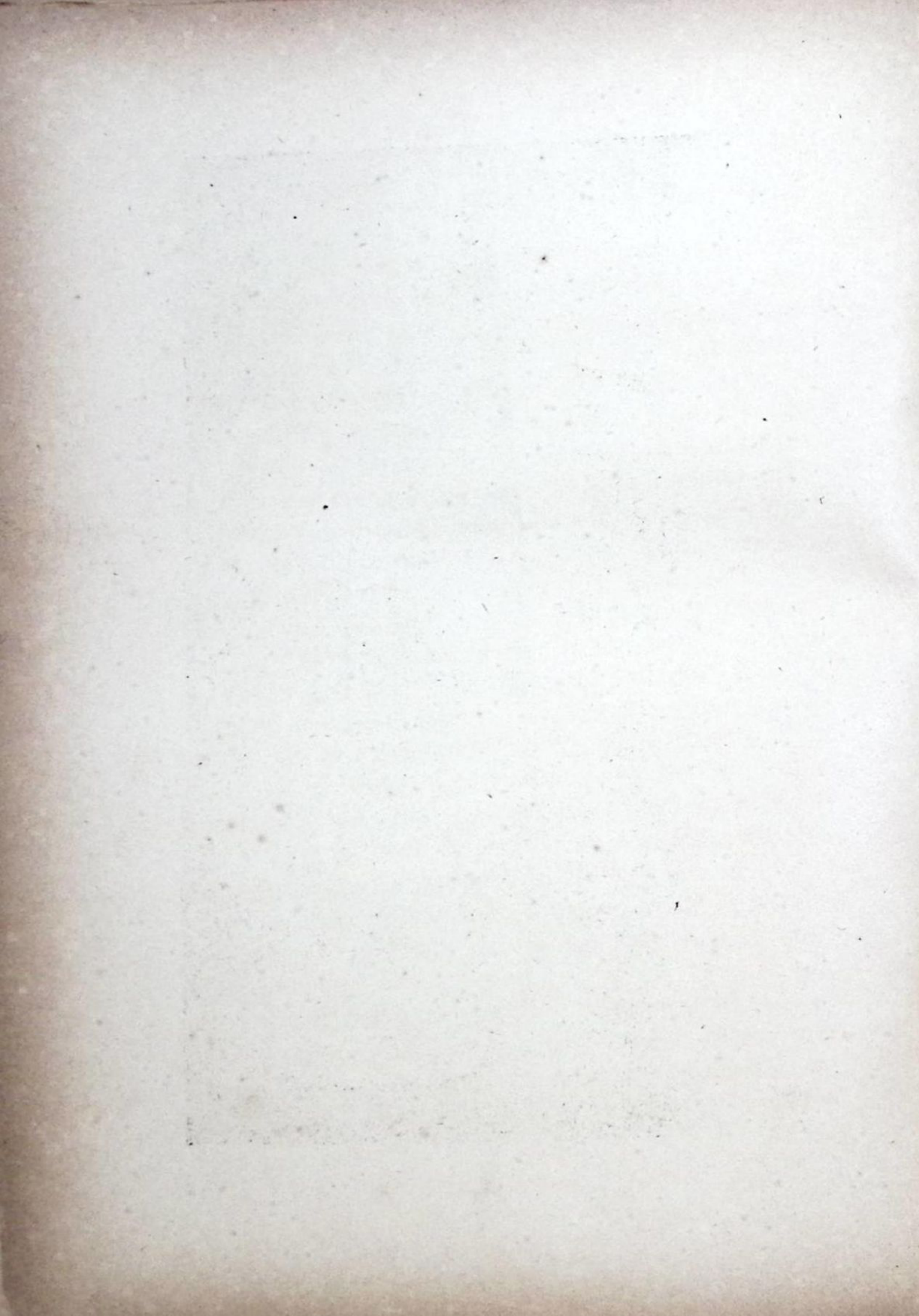
Durante horas ainda se vê a velha cidade. Parece que o "Vaticano" não sáe do lugar, tão lenta é a sua marcha.

Quatro dias de viagem. Só se via, até agora, planicies, florestas immensas e muita agua que tudo invade, fazendo com que os homens e os animaes vivam nas alturas.

Aquelles, locomovem-se nas "montarias", canoas esguias que sulcam as aguas penetrando



Um "trapiche" no Baixo Amazonas.



entre a vegetação para atracarem ao topo da escada das palhoças que se levantam sobre espeques, assim feitas sob a previsão das cheias periodicas.

Os outros vivem sobre giraus. São gallinhas, porcos, vaccas, etc., que ali se misturam em vida commum.

Quatro dias de viagem. Pela primeira vez se divisa ao longe uma elevação. São as primeiras montanhas que se vêm depois de Belém.

Passamos por Arumanduba e Almeirim, localidades em que domina conhecido capitalista. E' uma zona completamente differente.

A floresta, que commummente se divisava á margem do rio, foi afastada para o interior.

Grandes descampados perdem-se de vista, aqui e ali interrompidos com a elevação de construcções onde a electricidade e o telegrapho já proporcionam algum bem estar.

A semelhança de uma moldura, a alguma distancia da margem elevam-se pequenas montanhas que tem os nomes das localidades referidas.

O navio segue. A marcha continua a ser morosa.

Pouco adeante avistam-se outras elevações. E' a serra da Velha Pobre.

O "Vaticano" caminha mas parece permanecer no mesmo lugar.

A grande massa líquida dá a impressão de que a embarcação é uma pequena folha baloiçando no oceano.

A marcha do navio inquieta áquelles que anseiam chegar á capital amazonense. O aborrecimento se torna maior quando o "gaiola" pára afim de receber lenha. E' o calor que se torna intenso, é o tempo que se perde, são os "piuns" e "carapanãs" que não deixam socegado o pobre mortal. Emfim tudo contribue para o aborrecimento. A descida á terra durante os serviços de abastecimento de combustivel, não mais attráe. Todos já conhecem o que é um "trapiche".

Durante a viagem, descer á terra para visitar um "trapiche" é o mesmo que, de minuto a minuto, parar um automovel á porta dos botequins que se succedem em uma estrada de rodagem.

O "trapiche" é o mesmo que o botequim ou "venda", situado á beira das estradas de rodagem pouco habitadas.

Localizados ás margens do rio, a estrada de penetração do interior amazonico, os "trapiches" vendem tudo, desde a pequena chicara de café ou calice de "jaráracá", até ás roupas e

grandes partidas de borracha, madeira, castanhas, etc., fazendo grandes e pequenos negocios.

Não mais interessa, portanto, a visita aos "trapiches".

O "Vaticano" pára, demora duas ou tres horas recebendo lenha, e o viajante procura o lado da sombra, onde arma a sua rêde ou a cadeira de viagem e se entrega ao somno ou leituras agradaveis, depois de ter o cuidado necessario para evitar os "piuns" e "carapanãs".

E' noite. Ao longe vem-se algumas luzes.

Approximámo-nos de alguma cidade.

Informam ser Santarém, o ponto intermedio entre a Fordlandia e Belém. Chamam-nos a attenção para um phenomeno que se nos apresenta como novo. E' a differença entre as aguas do pujante Amazonas e as do seu affluente Tapajós, que ali se reúnem.

Emquanto que a daquelle se apresenta amarella e barrenta, levando em sua torrente as terras que desagrega, a do Tapajós é clara, de um verde semelhante ao do mar. No ponto de junção vê-se perfeitamente a differença. Uma linha sinuosa separa as côres das aguas dos dois rios que, pouco a pouco, se misturam, dominando a do Amazonas.

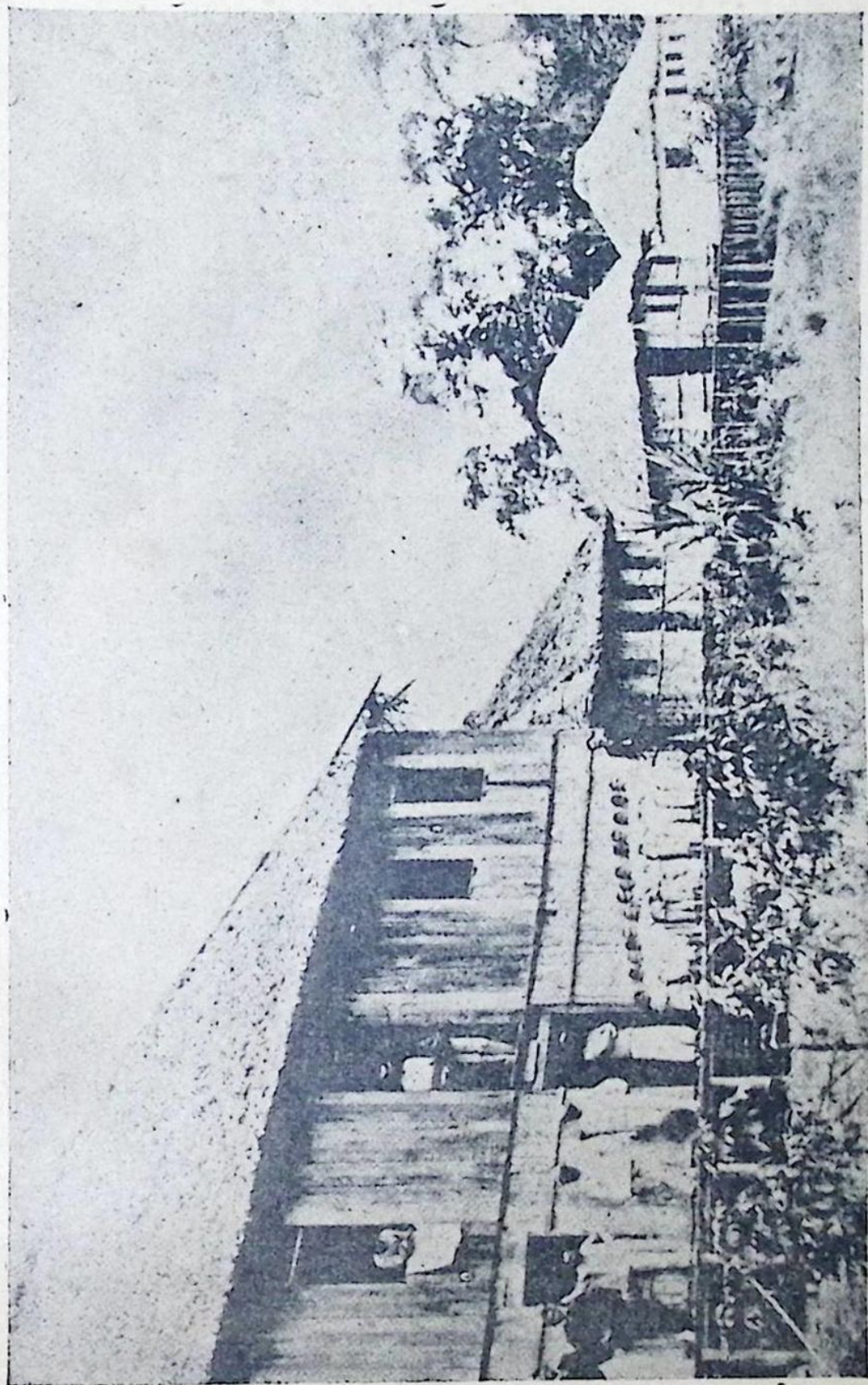
Santarém é uma cidade que, após um período estacionário, a sua vida commercial cada vez se torna maior.

Quem deixa Belém rumo ao Acre, vê como novos, na cidade de Santarém, os signaes de civilização que já tinham quasi desaparecido da memoria, porque até então só se encontravam pequenas povoações de meios de vida rudimentares. Nota-se que, ali, a vida é intensa e o seu movimento cada vez mais se accentua devido á actuação de factores diversos.

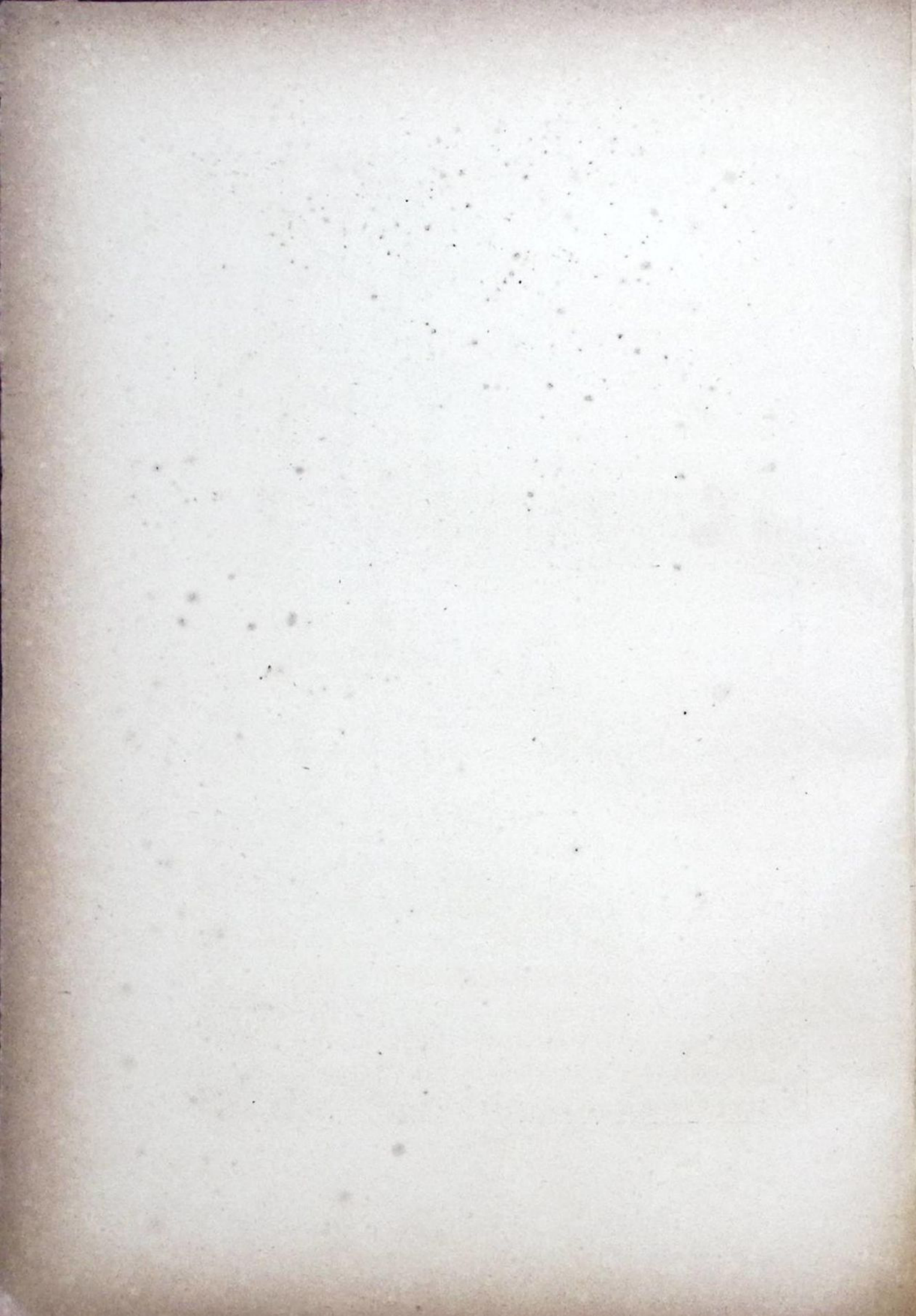
Apesar do navio não atracar, pois ficou ao largo, verifica-se a invasão de homens e mulheres conduzindo cestos e saccos.

Pelos diversos pontos do navio elles se espalham e negociam. São cuias de coités, trabalhadas primorosamente a canivete, vidros de cheiro, licôr de cacáu, cestas de vime, doces, bonecos de guaraná e outras miudezas com que o viajante se distrae, gasta o dinheiro e enche as malas. São recordações de viagem que, muitas das vezes nenhum valor e nem utilidade têm.

Demorámos pouco. O navio prosegue, e horas depois, chega a Obidos, onde, segundo dizem, ainda é verificavel a influencia das marés. Nesse ponto o Amazonas se apresenta mais es-



Tipos de habitação dos moradores do Amazonas.



treito e sem nenhum "paraná" que facilite o desvio da massa liquida.

De longe se distingue o forte, antiga construcção que remonta a muitos annos. As suas novas baterias não são vistas a olho nú, estão encobertas pela vegetação e se encontram a cavalleiro, dominando toda a região.

Obidos é uma cidade pequena, porém bonita. Situada em uma elevação, ella se apresenta como um presepe, bem cuidado e de agradável aspecto.

Logo de entrada vê-se o mercado, e percorrendo as suas ruas tem-se boa impressão. Ella se assemelha a algumas das nossas cidades litoraneas. Em modestos, mas bons edificios, funcionam o telegrapho, o correio, as escolas, o posto de saúde, o quartel, etc..

Deixando Obidos navegámos em demanda das lindes paraenses.

Entrámos no "paraná" D. Rosa, estreitissimo, porém bastante profundo. Em um dos muitos "trapiches" existentes nesse "paraná" o "Vaticano" atracou para receber gado.

E' um espectáculo curioso e cheio de lances emocionantes o embarque de gado nos "gaio-las". Attráe a attenção, mesmo daquelles que já o assistiram uma ou mais vezes. Os episodios de

emoção, ora tendendo para o tragico, ora comicos, despertam sensações fortes e assim, para o lado em que o "Vaticano" atraca, correm todos os passageiros. Alguns, mais affeitos, descem a terceira classe.

Nessa occasião, ali, as rêdes estão enroladas e os passageiros procuram os pontos mais abrigados afim de escapar dos accidentes que, com alguma frequencia, se verificam.

Começa o trabalho estafante. Laçada pelo chifre, no curral junto á margem, a rez é erguida por um guindaste de systema todo especial.

O animal se debate no ar. Procura com as patas um ponto de apoio. O laço o segura com firmeza. O mestre faz com que o guindaste desça um pouco a corda, e nessa occasião, um dos caboclos que se entrega ao trabalho de campo, com um impulso forte, impelle a rez para dentro do navio. Presa ainda pelo chifre ella procura firmar-se naquelle chão escorregadio. E' trabalho em vão. As suas patas deslizam e ella cáe para tentar novamente erguer-se.

Emquanto todo este esforço é dispendido pelo magro e quasi esqueletico animal, um dos homens da tripulação já desfez o laço que a prendia pelos chifres. Outros tripulantes espantam, então, a rez, para que ella siga a trilha que

já foi preparada, rumo ao curral improvisado ao lado de outro semelhante em que estão os suínos; tudo isso na terceira classe.

Não raro, no embarque de 10 ou 20 rezes, entre os lances perigosos por que passam os que se entregam a esse rude serviço, registra-se um ou outro facto desagradavel.

Assim, após já estar no navio, desvencilhado do laço, o animal desgarra, não obedecendo a trilha pela qual querem que elle siga, e dahi, sobresaltos, correrias, e algumas vezes pessoas machucadas.

Quando a tripulação não consegue dominar o animal, succede, ás vezes, que elle se atira ao rio nadando sempre em direcção a margem contraria. Outras vezes, o laço que prende os chifres não está firme, e dahi, o animal delle se desprender e cair ao rio, entre o "gaiola" e o "trapiche".

Finalmente, o embarque de gado em um "Vaticano" é facto que merece ser assistido por aquelles que apreciam sensações fortes e mesmo pelos que sintam revolta em ver o martyrio do animal.

O navio já está em marcha. A viagem continúa calma.

Fatigados das emoções fortes, os passageiros procuram repouso nas redes e nas cadeiras de descanso, livres, devido á marcha do "Vaticano", dos "carapanãs" perversos e irreverentes...

Deixando o "paraná" D. Rosa o "gaiola" navega novamente em pleno Amazonas.

Mais algumas horas e passámos pela ultima localidade de territorio paraense. E' o posto fiscal D. Julia.

E' madrugada quando o navio transpõe a linha divisoria Pará-Amazonas, para amanhecer no "trapiche" "Desaperta", afim de supprir a falta de combustivel, recebendo 40 milheiros de achas de lenha.

Deixando esse ultimo porto, uma hora depois estavamos em Parintins, cidade amazonense, a primeira que se encontra quando em demanda de Manáos.

De início a impressão é má. Quem na viagem vae visitando as cidades paraenses, bem cuidadas e de bom aspecto, sente que, em Parintins, falta qualquer coisa para estar no mesmo nivel de progresso das cidades do Estado vizinho. Do proprio "Vaticano", fazendo um exame a distancia, vê-se que a cidade consta de duas ruas que

correm parallelas á margem do rio e algumas poucas que lhe são transversaes.

O casario é antigo e asymetrico, denotando em seu aspecto falta de recursos e um pouco de ausencia de progresso.

Mais um dia de viagem e atracámos em novo porto de lenha.

De regresso a Belém ali está outro "gaiola".

O em que viajamos encosta o seu bordo no que está atracado.

Nota-se, entre passageiros e tripulação dos dois "Vaticanos", uma grande alegria. Passam-se momentos agradaveis.

Os passageiros palestram animadamente.

Emquanto uns transmittem as ultimas noticias de Belém, os outros fornecem as que trazem de Manáos. Trocam-se jornaes.

"Os "brabos" são apresentados aos conhecedores e "habitués" das viagens fluviaes. Trocam-se impressões.

O navio que "baixava" acaba de se abastecer de lenha.

As machinas funcçionam e elle segue rumo de Belém, depois dos apitos de estylo, do que sáe e do que fica.

Foi este o primeiro contacto, depois de quatro dias de viagem, com outras pessoas que

vinham de centros civilizados e que nos podiam fornecer algo do que se passava no mundo, pois até então delle nos encontravamos isolados.

Depois de aborrecidos momentos de espera em que o serviço de carregamento de lenha, ao contrario de interessar os passageiros os incomoda, devido a não os permittir dormir, o navio reinicia a marcha já alta madrugada.

Navegando-se mais proximo da margem, já se verifica que, com mais frequencia, são avistadas casas e alguns pequenos nucleos de população em que, pelo aspecto das construcções, denotam atraso.

A ILHA DE MARAPATÁ E A LENDA
COMO A AGUA BARRENTA DO RIO
MAR REPREZA A ESCURA MASSA
LIQUIDA DO NEGRO
NA "CIDADE-SORRISO"
O SOLIMÕES E O SINUOSO PURÚS
O PRIMEIRO JACARÉ

Mais um dia de viagem e avistavamos Itacotiara, á margem esquerda do Amazonas. Fica situada em uma pequena elevaçãc e é séde do município do mesmo nome. De longe avista-se o edificio do mercado e o casario que se lhe segue, sem obedecer á symetria.

Embarcam muitos passageiros que se destinam a Manáos.

A parada foi pequena, tendo, por isso, apenas sido lançada a ancora. Momentos depois, o "Vaticano" reinicia a marcha, para em seguida, lançar a prancha no barranco de uma importante serraria situada nos suburbios da cidade.

A longa demora permittiu a visita ao curso local, obra de que se orgulham os habitantes de Itacotiara.

Até Manáos, a viagem é curta e mais agradável, devido á existencia de novos companhei-

ros que trazem novidades, que conversam muito e que offerecem margem ao exame impiedoso e á critica severa daquelles que ha longos dias se vêem privados de factos que possam servir de valvula de sahida para a satyra e para o habito de dissecar a vida alheia.

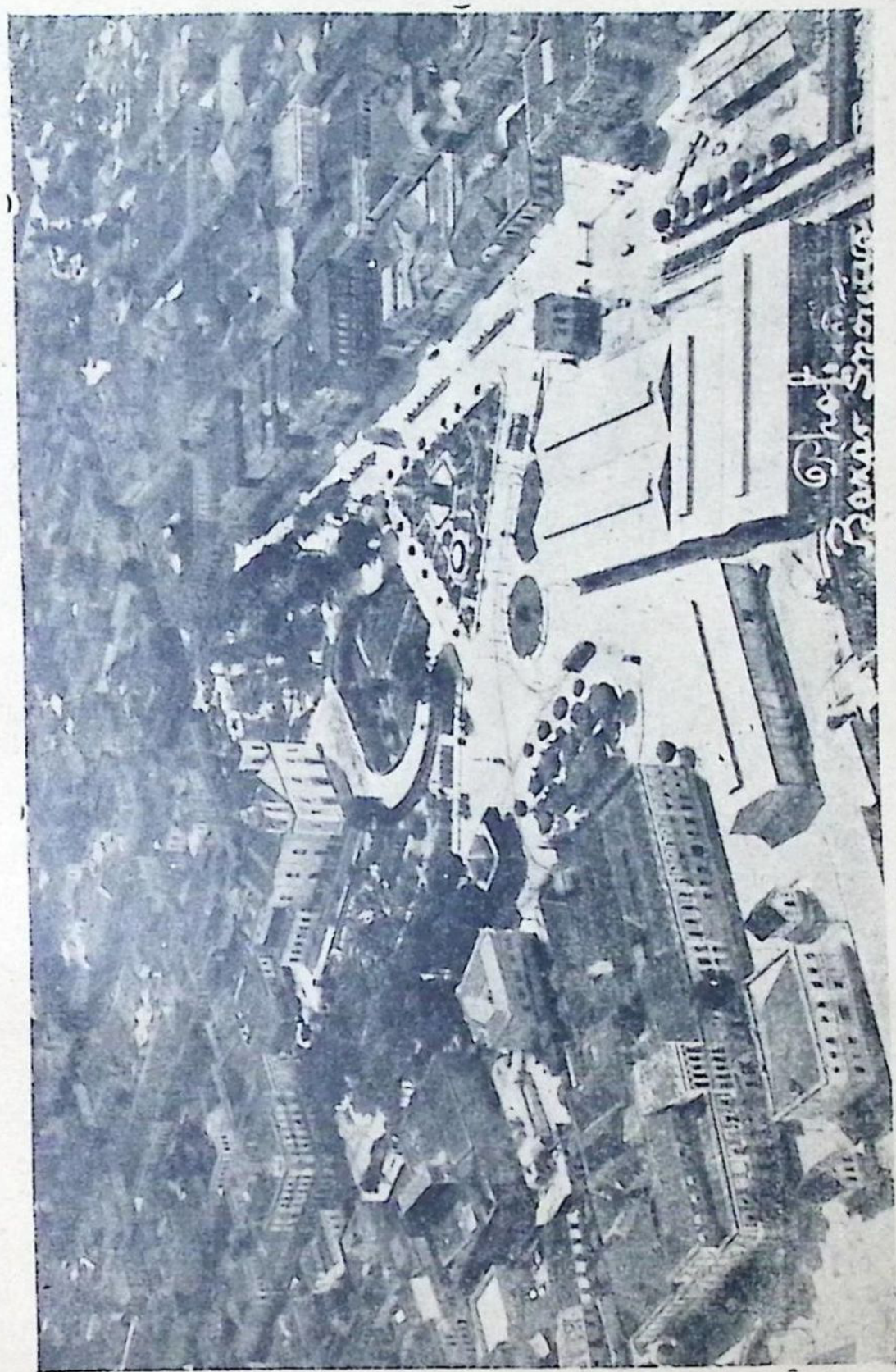
Deixando Itacotiara, passa-se pela foz do Madeira, e, mais tarde, avista-se á margem esquerda as pedras de Piraquara, onde existem pharóes para aviso aos navegantes. Passa-se pela ilha do Carreiro.

Em meio do dia immediato chegavamos á "cidade-sorriso".

Antes, avistavamos o leprosario, obra que, segundo consta, está abandonada pelo facto de que, o estrangeiro que por ali passasse, vendo-a, teria a impressão de que a cidade que ia visitar, só tinha leprosos.

Como resultado deste ponto de vista errado, oriundo de um preconceito retrogado, o conjuncto de edificações foi abandonado d'elle sendo desalojados os atacados pelo mal de Hansen.

Acontece que, a não utilização das edificações para evitar a propaganda que se diz ser contraria aos interesses da cidade, de nada adianta. O local continúa a ser conhecido como o leprosario. O estrangeiro que passa e tem a attenção des-



Uma vista aerea de Manaus.

pertada pelas edificações é informado de que, ali é o leprosario.

Em seguida ao leprosario, tem-se oportunidade de verificar facto semelhante ao observado na foz do Tapajóz.

A agua do rio que banha a capital amazônica, com difficuldade se mistura com o liquido barrento do Rio Mar. Aquella é negra e se destaca visivelmente da outra, podendo-se verificar o momento preciso em que se entra a navegar no mais caudaloso dos affluentes da margem esquerda do Amazonas.

A impressão que se tem ante a linha divisória das aguas é de que as do Negro são reprezadas pelas do Rio Mar.

Quando se entra no grande affluente do Amazonas avista-se a ilha de Marapatá. O povo vulgarmente a chama de "ilha da Consciência". E' a lenda que dá origem a esse nome. Talvez devido ás grandes tragedias que se desenrolaram nos altos rios, para onde os nordestinos, em busca de fortuna, se embrenhavam nas estradas de seringa, — diz-se que, aquelles que penetravam no Amazonas e iam além de Manáos, ao passarem pela ilha de Marapatá ali deixavam a consciencia.

Si, no interior, nos altos rios, a fortuna sorrisse aos filhos do Nordeste, que para lá iam cheios de tenacidade e de ardor ao trabalho, e elles regressassem, — com difficuldade poderiam readquirir a consciencia que deixaram na ilha que assignala a entrada do porto de Manáos.

Deixemos a lenda e desembarquemos em Manáos.

Chamam-na a "cidade sorriso". E' grande, com muitos melhoramentos modernos e, em outras épocas, viveu na abastança, usufruindo os lucros dos altos preços da borracha. Nesse periodo, que hoje é recordado com tristeza e saudade, Manáos era o centro de convergencia para onde affluíam todos aquelles que deixavam os seringaes com os bolsos peçados de dinheiro e com a alma transbordante de alegria por voltarem á vida de uma grande cidade. Nessa época, querendo fazer desaparecer o torpôr que por annos lhe invadiu o corpo, a alma e o coração, o nordestino prodigo não media despesas. Gastava a mancheias.

Então, Manáos tinha vida intensa, quer durante o dia, quer á noite.

Esse periodo passou. Manáos não tem mais a vida ficticia de outros tempos. Ali, agora se trabalha, e em todos os ramos da actividade

humana o seu povo caminha, faltando apenas que forças dirigentes tracem os seus grandes rumos.

Quando se deixa o "Vaticano", não se pisa logo em terras manauenses, mas sim no extenso cáes fluctuante, maravilhosa obra de engenharia que honra os que a executaram.

Porto movimentadíssimo, Manáos dá margem a grandes expansões economicas, maiores ainda que as do tempo aureo da borracha.

Depois de andar cerca de duzentos metros no cáes fluctuante, pisa-se enfim o solo manauense e se passa a ter contacto com a cidade que é o ponto de convergencia de todo o territorio amazonense e mesmo de regiões visinhas.

Com grandes construcções modernas e abrangendo enorme area, Manáos é, para o viajante que durante dias só via pequenos centros de população, como um oásis perdido no deserto.

Quem deixa Belém e sente que vae pouco a pouco se embrenhando pelo Brasil, cada vez mais sentindo que a civilização foge, — fica abysmado em encontrar, quasi no extremo occidental do territorio patrio uma grande cidade que supera muitas, e nada fica a invejar a outras capitães de Estados litoraneos.

Quem passa em Manáos não póde deixar de visitar o Theatro Municipal e examinar a sua original cupola. Não póde tambem deixar de visitar o Mercado, onde um sem numero de pequenas cousas interessantes e curiosas são vendidas.

O forasteiro, no mercado de Manáos, tem oportunidade de conhecer varias cousas de que até então não tinha conhecimento. São tartarugas, peixes do rio de diversas especies, ali vendidos em grandes postas, são trabalhos de vime, saccos de caucho, etc..

Emfim, Manáos é uma grande cidade com vida social, intellectual, artistica e economica, e com representantes destacados em cada um dos seus aspectos de centro civilizado.

A demora em Manáos foi curta. No dia immediato deixavamos o porto em demanda do Acre.

Navegando, deixámos o Rio Negro para penetrarmos pelo Solimões, nome que dali em diante é dado ao Amazonas.

Quanto mais nos afastavamos de Manáos, mais sentiamos que o coração se confrangia em pensar que deixavamos o ultimo grande centro de civilização da nossa rota.

O navio consome vorazmente a lenha que é posta nas fornalhas, e devido a isso visitamos com frequencia os "trapiches".

Passámos em Manacapurú, que faz recordar as pequenas povoações encontradas antes de Manáos.

Mais tarde attingimos a foz do Purús, o sinuoso affluente da margem direita do rio Amazonas. Sulcando as suas aguas o navio rumo á nascente.

Dahi em deante, não se vê a grande massa liquida que nos ladeava. Já se avista com facilidade as margens.

Isso, no emtanto, não importa em reconhecer que ainda estamos em um grande rio, e numa formidavel via de penetração, razão de ser da existencia das innumeras povoações que ficam ás suas margens e ás de seus affluentes.

O Purús é muito mais estreito que o Amazonas, porém, é bastante largo e sufficientemente caudaloso para permittir facil navegação.

Nelle, como se penetrassemos em um funil, sente-se que as margens se vão approximando, tentando impedir a nossa marcha.

No emtanto, ainda não chegamos ao vertice do funil; encontramos apenas em meio.

Já deixámos o Solimões. Estamos no Purús.

Cada vez penetramos mais pelo Brasil. Agora, já não avançamos com rumo do occidente. Vamos em direcção do quadrante sul.

Pouco depois de penetrarmos no Purús, atracamos em Castanhal Grande onde o "gaiola" se abasteceu de lenha.

Perseguem-nos ainda a praga dos mosquitos, ou melhor dos "carapanãs" e "piuns" e, á noite, a visita pouco amavel dos "potós", com as suas consequencias desagradaveis.

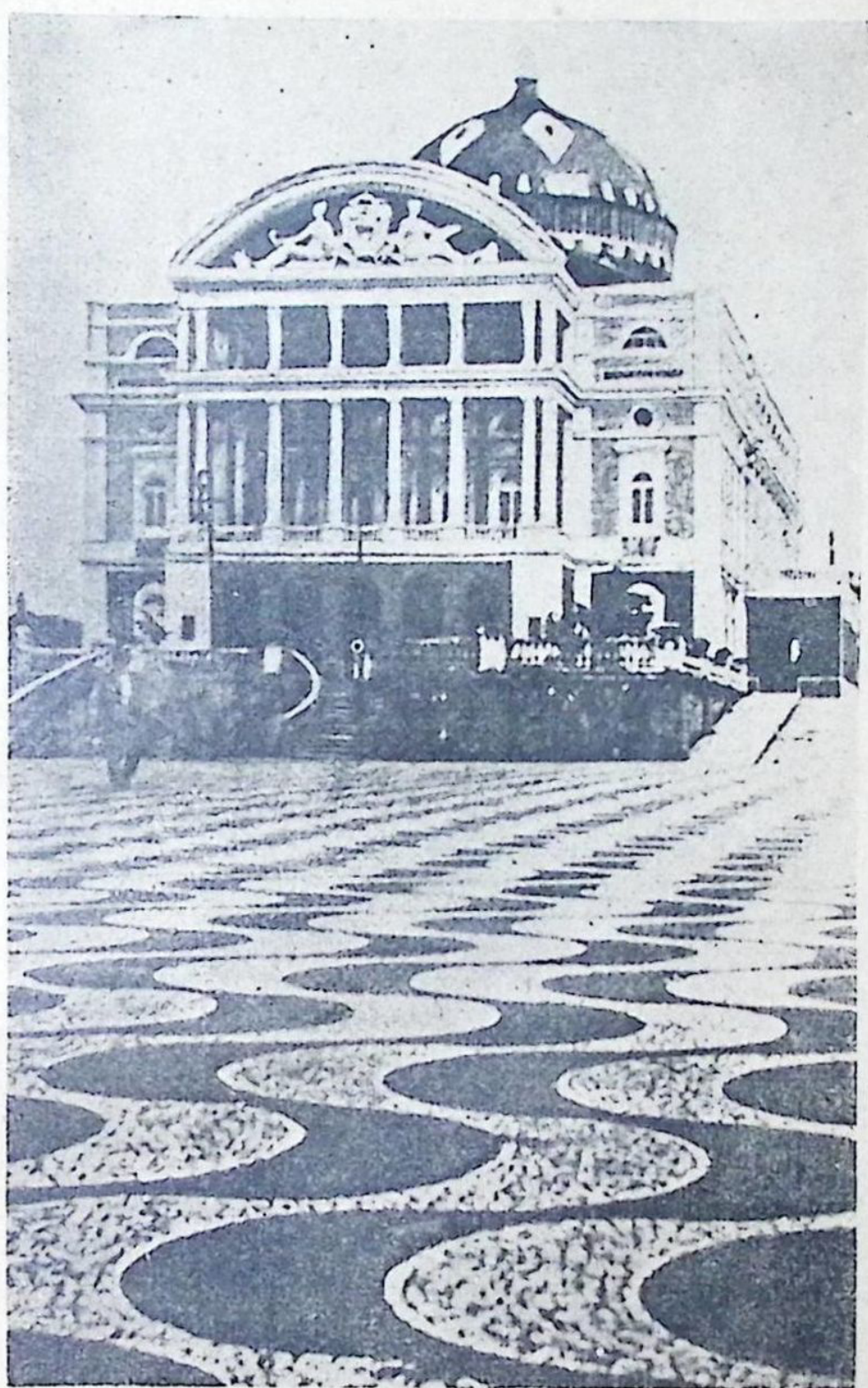
A parada foi curta, succedendo-lhe um periodo de navegação que nos pareceu breve. Logo depois estavamos em Castanhal Pequeno.

Até então, a não ser a largura que é menor, o Purús em tudo mais se assemelha ao Amazonas. Vastas florestas o margeiam como que impedindo a penetração daquelles que tentam invadir aquellas terras, muitas das vezes virgem da visita do homem.

A agua do Purús é a mesma do Amazonas; barrenta, de mão aspecto, porém saborosa depois de filtrada.

Mais adeante o porto de Ypiranga é visitado. O seu movimento é intenso. Outras embarcações menores do que a nossa ali se acham.

Grande numero de "montarias" sulcam as aguas, guiadas por caboclos fortes e espadaudos.



O Theatro Municipal de Manaus



Esguias, toscas, escuras, confundindo-se com a agua, ellas surgem de entre a vegetação como si tivessem rodas e estivessem caminhando pelo solo.

E' a cheia que dá margem a essa supposição.

A agua invadiu as regiões baixas e a vegetação tem apenas os ramos mais altos fóra da massa liquida.

Quem olha de longe, suppõe que a agua não foi além dos primeiros arbustos. E' pura illusão. Tudo está alagado.

As casas de "paxiuba" estão rentes á agua. Desappareceram as escadas que as ligam ao solo.

Parte da lenha para abastecimento das embarcações está submersa.

Mais para dentro vê-se uma parte mais alta: a "terra firme".

No porto, distingue-se, ainda em preparação, varias balsas de madeira que, conduzidas pelos caboclos empunhando longos "varejões", vão descer o rio, levadas pela correnteza, numa viagem de varios dias, cheia de episodios que impressionam ante a audacia revelada pelos que as guiam.

A viagem continúa. Quando o "Vaticano" não pára afim de receber combustivel, demora

alguns momentos nos principaes portos de escala forçada, apenas para deixar ou receber correspondencia.

O rio ainda permite que se navegue á noite.

No leme, o piloto permanece calmo, olhando sempre para o véo negro que se apresenta á sua frente. Aos que estão pouco habituados a estas viagens, o receio de um desastre se apresenta a todo momento. No entanto, o piloto, homem affeito áquellas viagens que se repetem sempre, nada teme. Elle vê o que os outros não suppõem existir.

Em dado momento os "brabos" ficam alarmados ao ouvir dois estampidos. Correm á amurada. Ao longe bruxoleia uma pequena luz. Os que já estão habituados a taes factos^a explicam que é um morador da margem que quer tomar a embarcação.

O "Vaticano" pouco a pouco diminue a marcha e pára.

Alguns momentos de espera. Olha-se para a treva impenetravel e nada se vê. Por fim o reflexo da luz do "gaiola" dá sobre uma "montaria" que, veloz, sulca as aguas para atracar á grande embarcação. Um homem, com o seu indispensavel sacco de caucho, passa para o "Va-

ticano" e a "montaria" torna a desaparecer nas trevas.

As machinas voltam a funcionar, e dentro em pouco, o "Vaticano" tomou a marcha normal.

No dia seguinte, passeando pelo tombadilho, os passageiros aguardam o toque annunciador do almoço. Um viajante já acostumado áquellas viagens, displicentemente, nos aponta á superficie da agua uma pequena massa negra que até então não perceberamos e nos informa ser um jacaré.

Duvidamos da informação. Calmo, o nosso companheiro vae ao camarote e traz um rifle. Aponta-o em direcção da massa negra. O projectil parte, e no mesmo momento, um corpo de cerca de tres metros de comprimento salta da agua num pulo formidavel e cáe pesadamente, mergulhando outra vez na massa liquida.

Era verdadeira a informação. Viramos todo o corpo escuro, feio e repugnante do jacaré que parecia dormir á flor dagua.

A SEQUENCIA INTERMINAVEL DAS
"VOLTAS" E "ESTIRÕES" DO PU-
RÚS.

AS EXTENSAS PRAIAS ENGALANA-
DAS COM A DIVERSIDADE POLY-
CHROMICA DAS AVES

A VORACIDADE DOS MOSQUITOS

OS VESTIGIOS DA DECADENCIA DA
ANTIGA E PROSPERA CIDADE
DE LABRÉA

O "CASAMENTO PELO RUMO"

O REI DA MATTA AMAZONICA

Começa a vasante.

A viagem se torna mais interessante. Já se vêem algumas praias, e enfeitando-as, bellos bandos de garças, ciganas, maguarys, guarás, papagaios, periquitos. Uma polychromia que agrada e diverte.

Ao lado da grandeza da floresta em toda a sua magestade, vê-se a garrulice das aves que seguem o navio ou se espalham pelas praias, dando a impressão de innumeros e pequenos banhistas na algazarra de um vozerio ensurdecedor.

As garças formam o elemento dominante, pelas longas praias a gralharem de tal forma que chega a irritar o mais indifferente dos mortaes.

O que até então era novidade começa a se apresentar como um accidente commum. São as extensas praias, largas e infindaveis, ante as quaes, do "Vaticano", o passageiro novato se

extasia, verificando que durante horas e horas elle continúa a ver aquella faixa de areia cujo inicio já desapareceu para além do horizonte avistado e que se succedeu por outra interminavel praia.

E' nessas praias que os da região vão buscar os procurados ovos de tartaruga e preparam as armadilhas para os jacarés.

Já a viagem pelo Purús permittiu que se verificasse a sua sinuosidade. Ainda proximo da sua embocadura não poucos foram os "estirões" e "voltas" encontrados. Si em linha recta navegássemos, estaríamos por certo além da metade da viagem no Purús.

As "voltas" fazem com que duplique o caminho, apesar de tornal-o mais interessante.

A' saída de um "estirão" terminada a manobra para fazer a "volta" que se lhe segue, um novo "estirão" se apresenta, tão comprido ou maior que o outro, onde o navio navega horas e horas para conseguir alcançar outra "volta".

E, assim, a viagem vae sendo feita.

Paramos em Porto Esperança para abastecimento de lenha.

Navegamos toda a noite e parte do dia para novamente apanharmos combustivel em Tauá-Mirim.



O "Rio Amazonas", um dos grandes navios que faziam as viagens no Purús,
naufragado em consequência das surpresas que apresenta a navegação
nos rios amazonenses.



Como em outros portos de lenha, ahí succede que os "piuns" invadem o "gaiola" e deixam o signal de sua passagem na maior parte dos passageiros. São pequenos pontos vermelhos no local em que elles picaram. O "brabo" quer logo tirar o sangue que ali está. Como resultado fica com feridas pelo corpo, principalmente no pescoço; nos tornozellos e nos pulsos.

Para livrar-se dos terriveis mosquitos, o passageiro vae á terra. Ahí o caso toma aspecto mais serio. Os "piuns" são em maior numero e os "mucuius" os auxiliam no ataque ao forasteiro, obrigando-o a voltar ao navio.

A viagem prosegue. Já acostumado á paisagem, o viajante começa a achal-a monotoná. Quasi nada mais o interessa.

A floresta, com toda sua imponencia e riqueza, não desperta mais a attenção. Os bellos grupos de garças, brancas ou roseas, não lhe tomam mais o tempo, apreciando-lhes os vôos longos ou rapidos. Os lindos guarás com o bello roseo de suas pennas, tambem não mais interessam. As massas escuras que apparecem á flor d'agua, já são identificadas facilmente como jacarés. Já o passageiro está acostumado a vel-os estirados, aos grupos, ao longo das praias, principalmente nas bôccas dos "igarapés".

O que ainda attrahe um pouco a atenção são as chegadas aos portos de lenha, apesar das suas consequencias desagradaveis, como os mosquitos e o calor que cada vez mais se torna insupportavel.

Ha, para compensar isso, a quebra da monotonia da viagem. Os que não dormem ficam a assistir o estafante trabalho dos caboclos e "curumins" a carregar achas de lenha que atiram com estrondo no interior da embarcação, depois de fazerem prodigios de equilibrio ao atravessar as pranchas lançadas á terra. Mas, apenas nos primeiros momentos isso se verifica.

Examinado o grupo de edificações rudimentares do logarejo, verificado o tempo de parada do "Vaticano", nada mais attrahe, e o passageiro volta para a rede ou para a cadeira de lona e se estende a modorrar, aguardando a hora da refeição ou os parceiros para o "poker" ou a bisca.

Navegamos. Paramos na bôcca do "paraná" Pixuna. Tornamos a navegar, e mais adeante, atracamos em Gião.

A vida de bordo se resume em comer, dormir, ler, jogar ou pensar. Viajando, a unica differença que se nota entre os dias uteis e os domingos e feriados, é a melhoria do cardapio.

No mais tudo é semelhante. Aquí paramos para receber lenha; mais adeante para deixar mercadorias e correspondencia; um pouco além, para receber passageiros.

Assim paramos em Urbanopolis, que de cidade só tem o nome.

Consta de uma dezena de casas, onde, segundo se diz, funcçionam as repartições publicas, e nada mais. O panorama é, no emtanto lindo, quebrando a monotonia das outras bellezas, que se vêm apreciando continuamente durante a viagem. E' uma "terra firme" bastante elevada, donde se deve divisar uma bella paisagem.

As casas, no emtanto, em lugar de terem sido construidas no alto da elevação, o foram junto á praia. Esse facto é observado por um passageiro como sendo o resultado de preferirem os moradores affrontar as cheias que lhes invadem as casas a empregarem maiores esforços nas descidas e subidas frequentes do barranco. No emtanto, Urbanopolis é a séde da comarca e consequentemente o centro mais culto da região circumvizinha, não sendo admissivel que a sua população se deixe dominar por um ponto de vista que só a póde collocar em plano inferior ás de outras localidades.

Mais adeante deixamos atraz Floresta, Penha do Tapaúa e Bocca do Tapaúa.

Dahi em deante o rio parece ser ainda mais sinuoso. As "voltas" se succedem com mais frequencia, sendo algumas dellas bastante fechadas. Essa conformação do Purús, "voltas" se succedendo por "estirões", nos dá a impressão de que elle é como que uma grande serpente, cuja cauda se estende além do Brasil e cuja cabeça vae ter ao Solimões.

Quem navega rio acima tem a impressão de que caminha sobre o corpo dessa longa serpente e que as curvas que encontra se tornam cada vez menores, porém, mais angulosas.

Viajando assim, passamos por Seriberú, e logo após, attingimos Canutama, a antiga séde do municipio que hoje se acha installada em Urbanopolis e que para ali foi transferida pelo mesmo motivo que impede o progresso do interior brasileiro: a politica.

Canutama é uma cidade pequenissima, mas de bom aspecto, ultrapassando em progresso á actual séde do municipio.

Um pouco depois estavamos em Alliança, onde pela primeira vez, o viajante, já deshabitua-do a vêr casas de mais de um andar, avista uma de dois pavimentos e de bôa apparencia.

A cada parada do "gaiola", entra-se em contacto com os terriveis "carapanãs". A voracidade desses insectos é extraordinaria. Não ha mortal que escape e que, desavisado, não chegue ao terno da viagem com o corpo cheio de cicatrizes.

Emquanto tudo isso se passa, a vida se torna cada vez mais monotona. Os que não dormem distraem-se em atirar aos jacarés perturbando o somno daquelles.

As anedoctas dos que se entregam a esse sport, não mais distraem, por maior e mais variado que seja o repertorio. As rifas, que são inevitaveis nas viagens de subida dos rios amazonicos, tambem não mais interessam.

Os discos das tres victrolas dos passageiros, que as trouxeram com as melhores e mais modernas producções, já foram muito repetidos, tornando-se insupportavel ouvi-los.

E, assim, o "Vaticano" segue na sua marcha morosa, com as mesmas iguarias ás refeições, os mesmos vizinhos de mesa, as mesmas palestras já desinteressantes.

Paramos em Santo Antonio de Apitauan, em Assahytuba e em outras pequenas povoações.

Caminhamos para a tradicional cidade de Labrêa, onde dominou o fausto e onde o com-

mercio era intenso dando origem a uma vida de luxo e desperdicio. Algumas horas mais e attingimol-a.

Séde do municipio, Labrêa é uma cidade decadente que revela a época de grandeza em que viveu, quando controlava todos os negocios de borracha do Acre e do Alto Purús.

Hoje, a sua vida é modesta e os seus dirigentes lutam com a escassez de recursos. Como prova evidente da grandeza passada e da miséria actual, o viajante vê, logo ao defrontal-a, uma grande construcção ainda não acabada e cujas obras estão paralysadas devido á falta de numerario. E' uma construcção de vulto para a região, toda de alvenaria, mas que, pode-se dizer, ainda está em esqueleto.

Ao nos approximarmos de Labrêa distinguimos, de longe, a se destacar de todo o casario, a torre esguia de uma egreja, construcção elegante e que foi feita nos tempos aureos do municipio, quando ali orientava suas ovelhas o ainda hoje lembrado padre Leite, cujo nome perdura na memoria dos que navegam pelo rio Purús, através da lenda, entre as quaes se destaca a do "casamento pelo rumo".

Essa lenda do "casamento pelo rumo" revela bem, o quanto o padre Leite era estimado



O trabalho de lavoura dos selvicolas do posto do seringal Caçadua

pelos seus parochianos e o conceito em que o tinham.

Isolado no seringal, o caboclo vivia longos annos com a sua companheira e com a prole que da união originára.

Certo dia, indo a cidade, elle procurava o padre Leite e declarava que queria legalisar, perante Deus, aquella união. O reverendo não creava duvidas. Perguntava de que lado ficava a sua palhoça, e apontando para esse ponto, fazia o casamento.

O caboclo saia contente e levava a noticia á sua já então esposa.

Voltemos a Labrêa. As suas ruas deixam, como tudo mais, má impressão. O capim invadiu-as e a maioria das casas está quasi que em completa ruina, dando um aspecto desolador, de tristeza e abandono. A recordação que o viajante leva ao se afastar no "Vaticano" é de que ali domina apenas o capim, os "piuns", os "carapanãs" e os "mucuins" que substituem a população que se retira em demanda de outras plagas.

Uma hora após deixar Labrêa, attingimos a bocca do Ituxy, onde, como naquella cidade, foi descarregada muita mercadoria. O rio Ituxy, segundo a lenda que corre, é predestinado para os que por elle tentam attingir as suas vertentes.

Raro é o que, procurando a fortuna nos seringaes que se estendem ás suas margens, consegue voltar com vida, devido ás febres que o atacam.

Segundo os calculos dos entendidos, com mais cinco dias de viagem devemos estar na Bocca do Rio Acre.

Sem que nada mais nos attraia, vamos navegando. Attingimos São Francisco para logo depois sermos surprehendidos durante a noite com forte cerração que obriga o navio a apitar constantemente.

A cerração impediu que avistassemos a Cachoeira do Hilario, por onde passamos pela madrugada.

A citação aqui, de uma cachoeira, dá a impressão de que se trata de uma mudança de nível no leito do rio.

Não é isto. O que na região se denomina cachoeira são bancos de areia que atravancam o rio tornando-o mais estreito e difficultando a navegação.

Como as cachoeiras, muitos outros são os impecilhos que encontram os pilotos que navegam nos rios do Amazonas. Ora, são bancos de areia, ora são troncos de arvores. Estes, derrubados pelas cheias, se atravessam no rio quasi que

petrificados e formando aguçadas lanças que, com facilidade furam os cascos dos navios.

A pericia revelada pelos pilotos nas longas viagens, e patenteada nas difficeis manobras que fazem, não impede que, de vez em vez, se registem sinistros, muitos dos quaes com consequencias lamentaveis.

Passada a Cachoeira do Hilario, navegamos ainda algumas horas e, já dia claro, estavam em frente á bocca do Tupihan, onde dizem existir o maior castanhal da região. Ali, como em outros pontos, pode-se de longe, distinguir, dominando a floresta com as suas altas ramadas o majestoso castanheiro, de porte imponente, sobresaindo-se de todas as outras frondosas e grandes arvores da matta amazonica.

Elle parece o rei da floresta. A sua fronde não se mistura com as das outras arvores; ella sóbe e acima da folhagem dos arbustos vizinhos, se ergue altaneira, podendo ser distinguida á distancia.

AS BALSAS DE CEDRO QUE VÃO
PARA OS CENTROS INDUSTRIAES
DE MANAOS E BELÉM

O ABASTECIMENTO D'AGUA DO "VA-
TICANO", AS SUAS CONSEQUEN-
CIAS E O SINGULAR MEDICO DE
BORDO

PREPARANDO O SELVAGEM PARA O
INGRESSO NA COMMUNIDADE
BRASILEIRA

O SERINGAL CAÇADUA, O POSTO DE
PROTECCÃO AOS INDIOS E AS
ACTIVIDADES QUE ALI SE DES-
ENVOLVEM



Indias samamadis que estão sob a acção do posto de protecção do seringal Caçaduá.

Entramos em uma região de seringaes, ou melhor, em uma vasta região formando um só seringal. Desde as primeiras horas da manhã até muito além do meio dia atravessamos aquella extensa zona, muito maior que alguns paizes europeus. O dono desse seringal viajava no "Vaticano" e, por seu intermedio, fomos conhecendo as suas particularidades até attingirmos a séde ou barracão do "Centro".

De quando em quando surgia á beira do rio uma palhoça e, pelo seu proprietario, sabiamos qual o seringueiro que ali se entregava ao arduo labor da extracção do "ouro negro" e qual a producção que lhe era entregue, transformada em lindas e roliças "pellas".

A séde desse seringal é uma bella casa de dous andares, a melhor das mais proximas, e em

cuja fachada se podia ler em grandes letras a palavra "Realeza".

A casa é de madeira, como quasi todas, ou melhor, todas as dos seringaes. Em uma região onde abunda a madeira, das melhores á mais inferior, não é admissivel que outro qualquer material seja empregado nas construcções, accrescendo ainda a circumstancia da difficuldade e elevado custo de todo o transporte.

Uma pequena parada, necessaria para o desembarque de mercadorias e, pouco depois, o "gaiola" deixava o seringal "Realeza" em demanda do logar denominado Pery e, logo em seguida, encontravamo-nos em Bella Rosa, uma das mais lindas regiões encontradas até o momento.

Bella Rosa fica em uma "terra firme" que desde longe sobresaí no panorama, destacando-se da floresta.

Quando o "Vaticano" estava parado nesta localidade tivemos noticia de que cerca de quarenta balsas de cedro desciam o rio com destino a Manãos. Effectivamente essa noticia foi confirmada logo que continuamos a navegar. Encontramos pouco adiante as primeiras balsas e, após grandes intervallos outras mais.

Já era noite e ainda as pequenas lanternas dos seus conductores denunciavam a passagem das balsas. Assemelham-se ás jangadas nordes-tinas mas desprovidas de vela. Ao sabor da correnteza, tendo apenas a guial-as o longo "vare-jão", manobrado com pericia, num labor estafante e revelador de tenacidade, pelos caboclos que, durante dias e dias, permanecem sobre os grossos madeiros habilmente ligados, — ellas caminham para os centros industriaes de Manáos e Belém.

O interesse que despertou a passagem das balsas, em nada diminuiu o estado de apprehensão dos passageiros. Muitos delles já tem appellido para o medico de bordo ou para algum entendido em assumptos de curar. Nota-se que muitos estão com febres, consequentes de infecções intestinaes.

Attribue-se este estado de cousas á agua de bordo.

O abastecimento dagua dos "gaiolas" da Amazon River é feito em Belém, pouco antes da partida para as viagens em demanda dos altos rios. Esse abastecimento, segundo noticias fornecidas, attende ás viagens de ida e volta. Guardada em depositos, que ficam sob o piso da terceira classe, a agua ali não se encontra resguar-

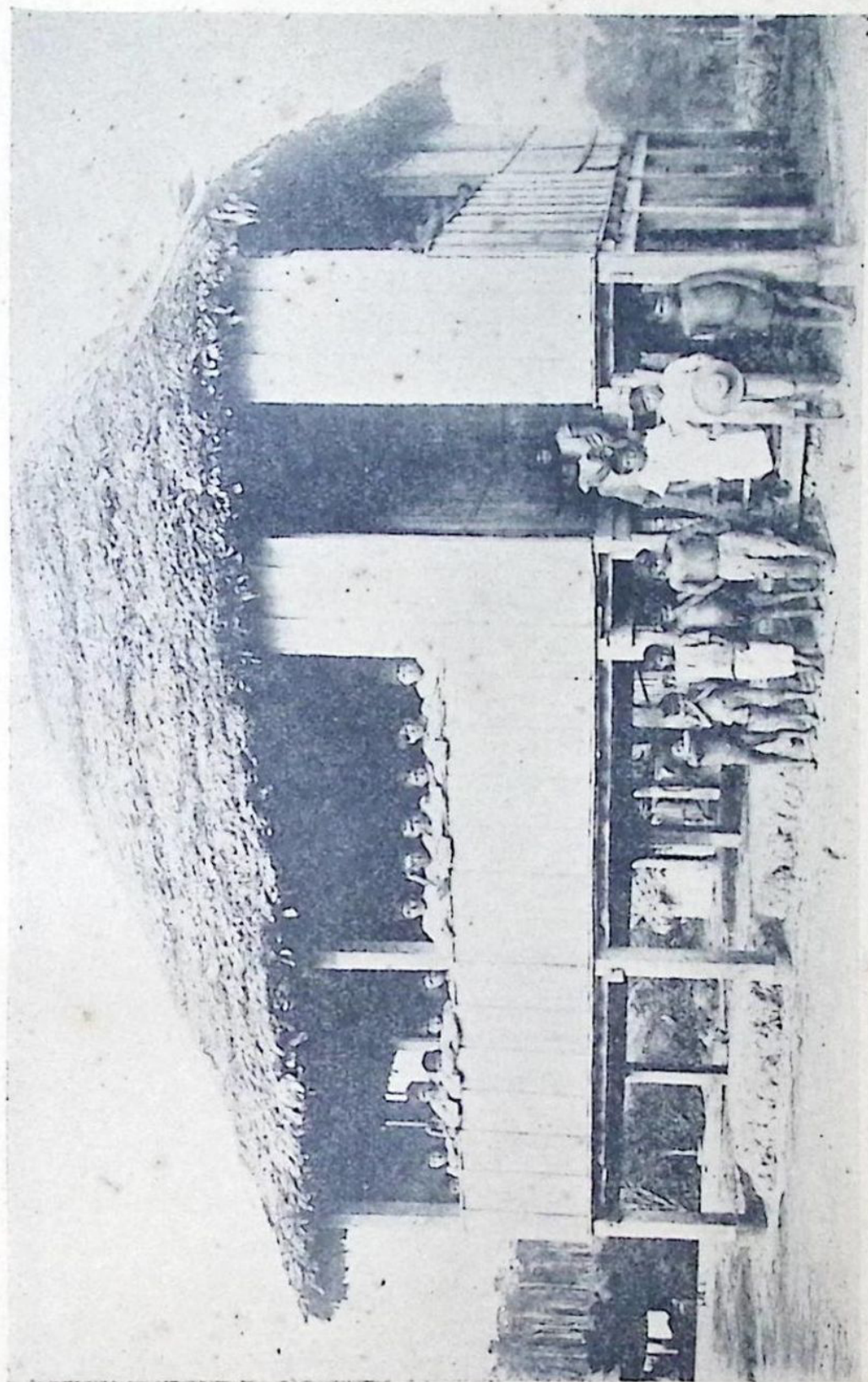
dada de impurezas, accrescendo ainda que, o longo tempo em que permanece fechada, sem contacto directo com o ar livre, dá margem á facil deterioração. Dessas causas e de outras que, ao primeiro momento escapam ao leigo em taes assumptos, resultam as infecções, ás vezes de character grave. Para evitar taes factos, os mais cautelosos procuram munir-se de filtros ou só utilisam agua mineral.

Os desprovidos de recursos appellam para o succo de limão, que addicionam á agua.

Ainda assim muitos não escapam, e o ambiente que até então era de alegria, sem que houvesse qualquer facto que preoccupasse os viajantes, começa a modificar-se, tornando-se pesado e de apprehensões.

Emquanto este estado de animo domina os passageiros do "Vaticano", esse navega mansamente pelas aguas do Purús, passando pelos seringaes de Catipary e Caçaduá.

Neste ultimo seringal existe um posto de protecção aos indios denominado Seruhiny. Esse posto tem jurisdicção sobre uma vasta zona abrangendo a sua acção aos "ipurinas" e "sama-madis" num total de cerca de 1.500 indigenas. Visitámos o posto, isto é, a séde do seringal Caçaduá e ali tivemos a impressão perfeita da gran-



Typo de Casa dos Indios do posto de Caçaduá.

dê obra patriótica, que se vem desenvolvendo no seio das tribus nativas, afim de integral-as á comunidade brasileira. E' uma obra silenciosa e que não dá margem a grandes encenações, mas cujos resultados são reaes. Infelizmente, as verbas destinadas a taes serviços são quasi que ridiculas, impossibilitando assim que tenha maior expansão a verdadeira educação do selvícola. Ainda assim o posto de Seruhiny possui dous centros onde se reúnem mais de duas centenas de indigenas, que aprendem não só o systema de vida dos civilizados como também se preparam para o ingresso nas actividades humanas.

Escolas, pequenas fabricas, etc., já são encontradas nesses centros, um delles o de Seruhiny, onde estão os "ipurinas" e o outro de Tuhiny, onde se acham os "samamadis".

Os petrechos naturaes, que o selvagem usa em sua vida, são prohibidos nesses centros para que, de um momento para outro, não sinta reviver o desejo de regressar ao que era dantes.

A séde do posto é confortavelmente instalada. Ha de tudo em seu interior, como se fosse bem montada casa de uma grande cidade. Junto a ella ha accommodações para diversos serviços, que são sempre indigenas já civilizados e

que attendem a qualquer pessoa como se sempre tivessem vivido nas cidades. Ahi elles têm luz electrica, serraria, engenhos, etc..

Cercando a edificação principal ha um grande jardim, formado de bellas alamedas, muito bem cuidadas e que revelam o bom gosto dos que ali trabalham e têm a elevada missão de educar.

Actualmente, os selvagens localizados nos centros citados já se dedicam á agricultura, fabricam farinha e assucar, preparam madeira e se entregam tambem á pecuaria.

Deixámos o seringal de Caçaduá com uma agradavel impressão e, no "gaiola", continuamos a marcha, passando no seringal Humaytá, situado na margem opposto a em que está situado aquelle.

Pouco depois estavamos em Guajarrã, onde apenas foi deixada correspondencia.

A' tarde, chegamos a Serury, localidade situada á margem direita do Purús e cujo numero de casas de paxiúba denota a existencia de uma população maior que a de outras povoações semelhantes. O navio parou na margem opposta para receber lenha. Já então o viajante sente que as praias estão mais proximas do navio. É que a

vasante se torna maior e o rio se estreita cada vez mais.

Os lagos interiores já estão também quasi isolados do rio.

A vasante fez com que, devido a differença de elevação, não só ficassem reprezadas as aguas como também grande quantidade de peixe.

As praias, agora em nivel superior ás aguas do rio, formam, com a matta que lhe fica atrás, o traço de separação entre os lagos interiores e a corrente dagua. Emquanto esta se torna menos caudalosa difficultando a navegação pela aflo-
ração de grandes troncos de arvores atravessando quasi todo o leito do rio, e com as pontas agu-
çadas, aguardando o navio do incauto piloto;
— as praias se apresentam mais extensas, dando margem a que o viajante possa ver as tartarugas, os jacarés que modorram sob o sol forte e incle-
mente e as pequeninas aves que acabam de nas-
cer, cuja algazarra é de ensurdecer.

Emquanto a monotonia da Natureza não mais impressiona, apesar dos aspectos novos que apresenta, e que pela sua grandiosidade dimi-
nue o homem quando elle tenta fazer qualquer comparação com a sua obra, — este se torna in-
differente a tudo que é superior á sua pessoa, e

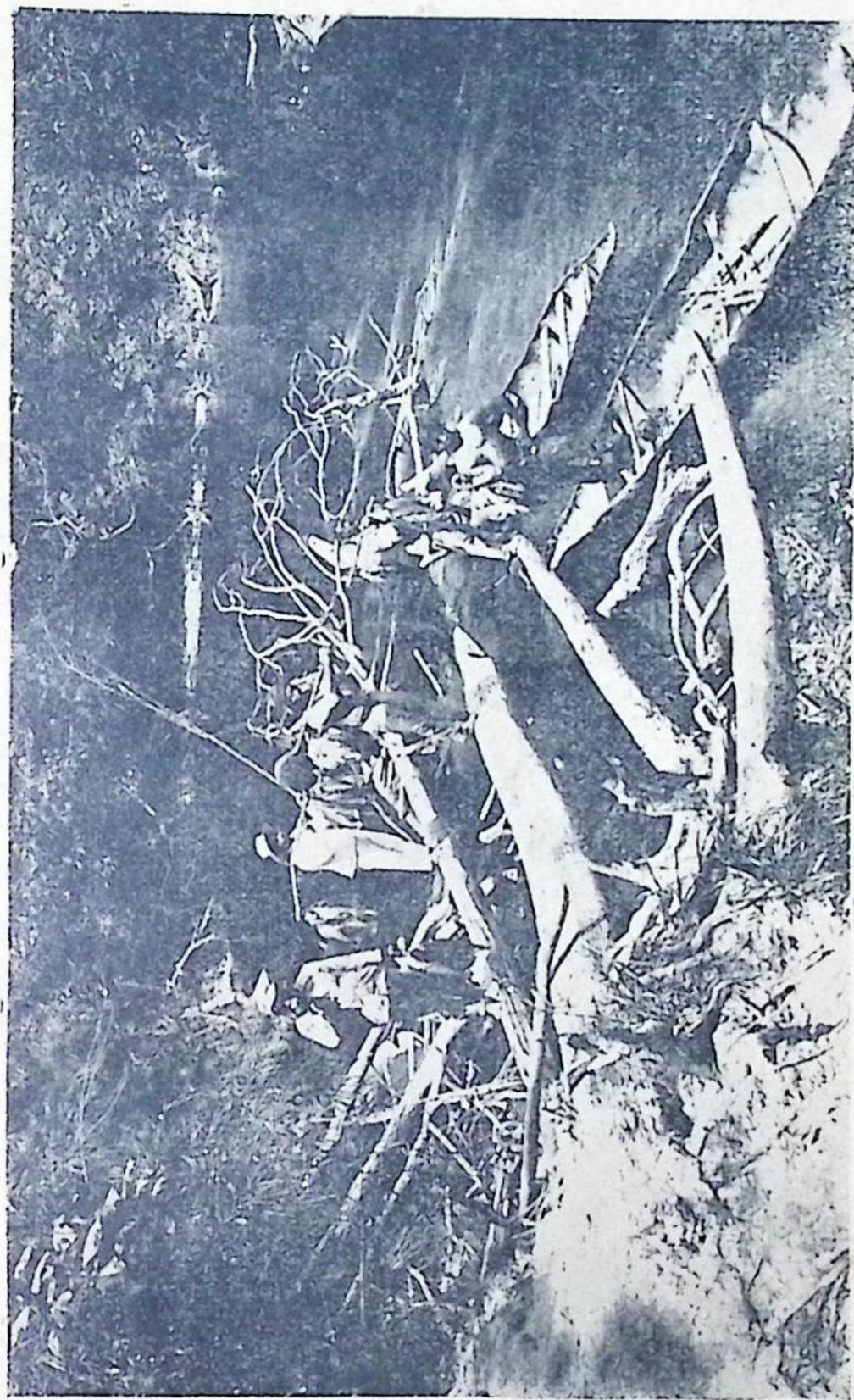
a vida de bordo nos dá factos e cousas novas que passam a preoccupar o espirito na falta de maior trabalho mental. Assim se apresenta a situação muito especial do medico de bordo, cujos serviços profissionaes não são utilizados. Elle é um desses typos que symbolisa bem a mediocridade. E' de bella estampa, moreno, de basta cabelleira e possue uma vasta bagagem de livros.

Destes, elle se utiliza como os elegantes se utilizam da gravata. De manhã, á tarde, ou á noite, elle conduz um livro differente que muda tambem conforme passam os dias. Elle não os lê, mas os tem sempre na mão ou debaixo do braço, para mostrar aos passageiros que se aventuram a palestrar sobre medicina.

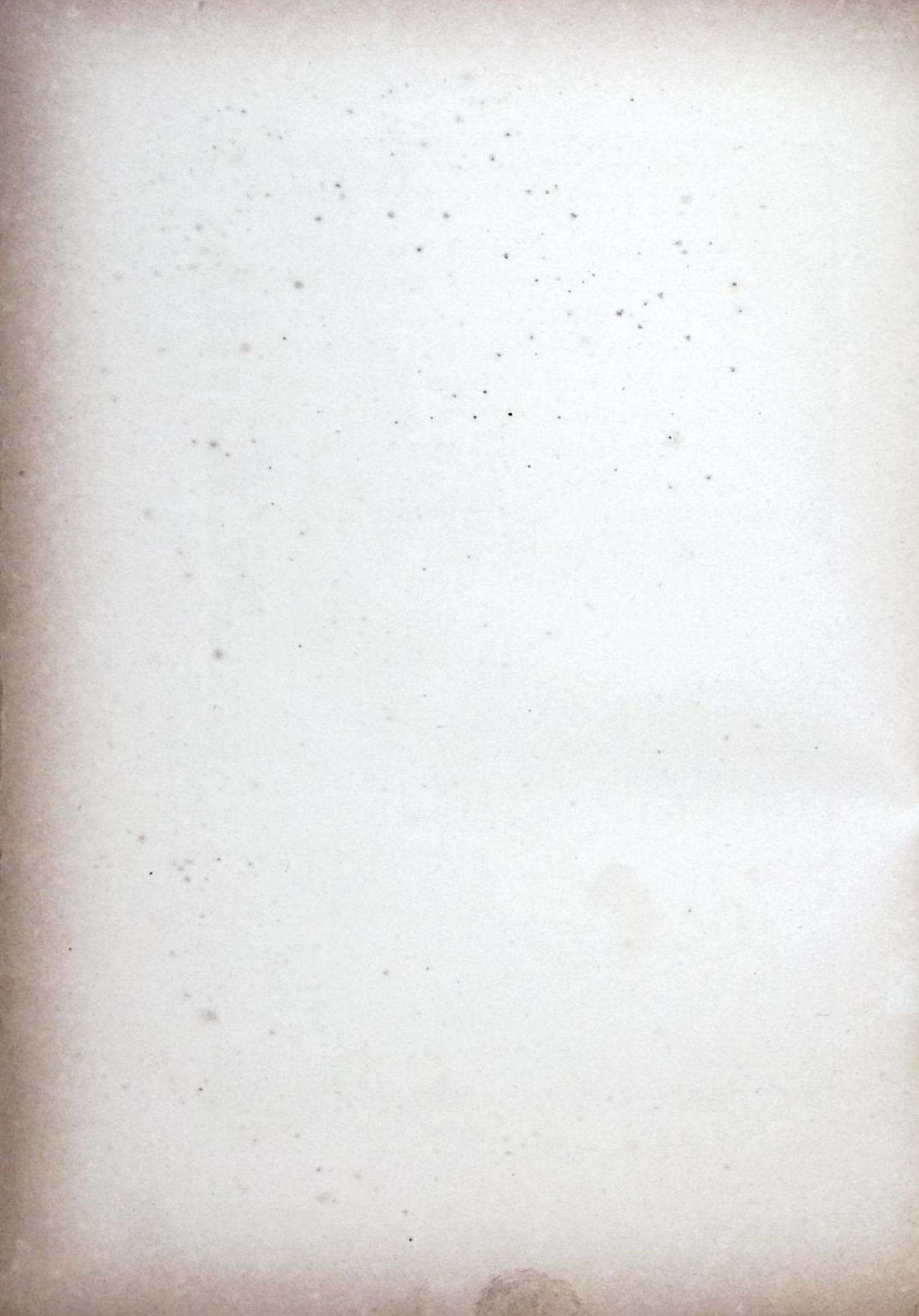
Nessas occasiões, as suas palavras e idéas se caracterisavam por uma grande originalidade. Falava usando termos pouco communs e discutia sobre assumptos transcendentos de espiritualismo.

As suas curas, segundo o que declarava, eram feitas por meio da Natureza, deixando á parte os meios de curar preconizados pela sciencia medica.

Essas suas declarações e as tendencias a D. Juan fizeram com que nascesse a desconfiança



Indias ipurinas chegando da pescaria, no posto de Marienê.



e, dahi, preferirem os passageiros appellar para os "curiosos" a procurar o medico de bordo.

Assim, os enfermos se servem dos pequenos sortimentos pharmaceuticos dos poucos que se proveram de medicamentos e aguardam melhores dias, quando o "gaiola" atracar em algum porto em que haja entendidos na sciencia de curar.

Viajando dessa forma e com o navio transformado quasi em um hospital, caminhamos, morosamente, rio acima.

**A VIDA NOCTURNA DE ALGUNS PAS-
SAGEIROS DO "VATICANO"**

**OS EFEITOS DA VASANTE E A SUA
RAPIDEZ**

**COMO TOMBAM OS GIGANTES DA
FLORESTA**

**O INEDITO ESPECTACULO DA QUÉDA
DE UM BARRANCO**

**AS SONDAGENS E AS DIFFICUL-
DADES DA NAVEGAÇÃO**

**AS "CHATINHAS" E A VOLTA DO
"VATICANO"**

**O TRANSBORDO DA CARGA E A PAR-
TIDA DA PRIMEIRA "CHATINHA"**

E' madrugada. Alguns passageiros ainda permanecem acordados. Uns jogam, outros palestram, enquanto alguns, não respeitando o somno alheio, tocam violão e cantam.

Quasi todos aguardam a hora do pão fresco para fazerem a ceia, improvisada com melado, banana, queijo e café. Os que assim procedem querem, a viva força, manter os mesmos habitos das cidades. A vida de bordo, monotona e já insípida, não permite cansaço physico, e, dahi, faltar o somno aos que estão habituados ás vigílias.

Os que palestram enquanto olham poeticamente a lua, têm oportunidade de vêr a passagem pela Bocca do Inauhiny, que é distinguida pela mortíça luz que se escôa através das frinchas da "paxiuba" mal unida das palhoças.

Mais tarde, já a primeira claridade da manhã, estávamos no Seringal S. Miguel. Alto barranco ali se ergue, dando a impressão de quasi inacessibilidade. Os moradores da localidades, habéis em supprir pelo engenho o que falta em recursos materiaes, improvisaram uma escada, com achas de lenha enterradas no barro e amparadas com pequenos gravetos cravados verticalmente.

Se não fosse essa improvisada escada, a subida do barranco seria difficilima. A vasante deixa sobre o barro espessa camada de lodo, escorregadia e perigosa para o incauto que se aventura a subir. As achas de lenha, engenhosamente dispostas, permitem accesso mais facil e menos perigoso.

O novato, apesar disso, para galgar o barranco, sente alguma difficuldade, o mesmo não succedendo aos caboclos carregadores de lenha que descem e sobem com ligeireza espantosa.

Deixando o trapiche do seringal S. Miguel, o navio demanda a Bocca do Acre, onde todos almejam chegar o mais depressa possível.

Já noite alta, quando o "Vaticano" sin-grava as aguas silenciosas e mansas do Purús, divisamos na escuridão a Bocca do Inauhiny,

onde se destacam, de um lado, o barracão que tem o nome desse rio e, do outro, o de São Pedro.

A permanencia do navio durante as horas restantes da noite no porto de Inauhiny, donde só sahiu ao clarear do dia, permittiu a verificação de um dos mais curiosos phenomenos que occorrem em quasi todos os rios da bacia amazonica e que até então desconheciamos.

E' elle o effeito da vasante que, para quem viaja despreoccupado, parece ser morosa e quasi imperceptivel. No emtanto, ella é rapida e de consequencias imprevistas.

Nas margens do rio notam-se aos primeiros albores do dia, os signaes evidentes de que, em menos de 24 horas, ou melhor, apenas durante a noite, as aguas já desceram mais de dous metros.

Extensas praias e grandes barrancos já são avistados de um e outro lado. Nestes ultimos, grandes arvores tombadas aguardam a proxima enchente ou o providencial "repiquete" e as consequentes vasantes, para serem arrastadas pela correnteza formando enormes "balseiros" que tornam perigosa a navegação.

Pela primeira vez, tambem, ha dias, os que se aventuram a viajar pelas aguas da bacia amazonica tiveram oportunidade de assistir a dous

presenciados.
Um delles foi a queda de uma grande ar-

vore, carregando em seu desmoronamento outras de menor porte.

Devido ao amollecimento do solo, como um grande gigante attingido em pleno coração, ella tombou fragorosamente, arrastando na sua morte e sepultamento no grande rio, outros arbustos, que desapareceram nas aguas barrentas, revolucionando-as e tirando-as daquella placidez que chega a irritar por não se poder perceber até que ponto chega a velocidade da correnteza.

Mais empolgante e mais completo do que este é, no entanto, o espectáculo da queda de um "barranco".

Apesar de revelar a pouca consistencia daquelle solo fertilissimo, o espectáculo presenciado não deixou de ter sido bello, e muitissimo interessante.

A maior parte dos passageiros descansava ou lia, cada um estirado na sua cadeira, quando a attenção foi despertada por um prolongado e grande ruido. Parecia que a terra se abria, engulindo grandes montanhas que desmoronavam.

Todos dirigiram o olhar para o ponto donde se originara o ruido. O espectaculo, quasi inédito, da quéda de um barranco de cerca de quinze metros de altura, foi então visto. A terra, desaggregando-se, descia, sepultando-se no rio, e naquella avalanche se misturavam as arvores que ao solo estavam fixadas, rompendo-se as teias de cipós que as ligavam ás suas companheiras de immensa e interminavel floresta. Durante quasi tres minutos o ruido continuou.

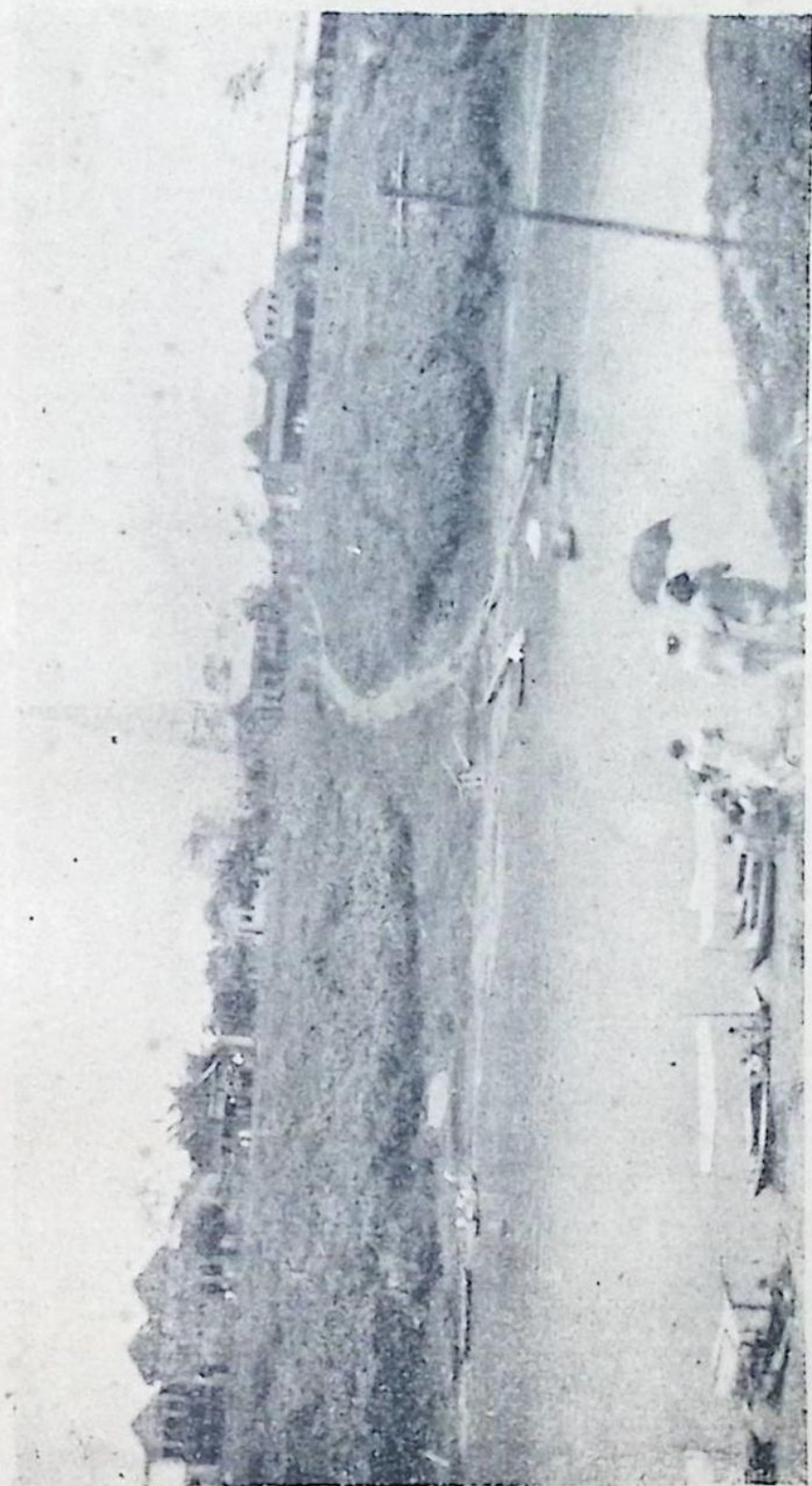
A massa de terra não se desaggrega de uma só vez; as arvores não tombam precipitadamente; os cipós resistem á falta de ponto de apoio dos gigantes da floresta mas cedem, pois o solo já cedeu e já encontrou sepultura na massa liquida. As aguas revoltas invadiram o espaço livre deixado pela ausencia do barranco e as pesadas arvores com as longas ramagens flutuando, seguem vagarosamente o rumo da correnteza. E do barranco que cahiu, nada mais se vê. O signal existente é apenas a maior largura do rio.

Depois de assistir a esse desmoronamento, a alma do viajante se enche de tristeza. Tem-se a impressão de que chegará o dia em que o solo da região amazonica será invadido pela agua que não teme empecilhos, que invade tudo, que tudo

destróe, que sobrepuja os maiores esforços do homem, numa luta titanica em que até agora este se tem revelado de uma tenacidade e fortaleza de animo elevadas ao maximo gráo, mas que cederá quando ficar convencido que a Natureza é mais forte, apesar de toda a sua teimosia em querer contrarial-a.

Os espectadores ficam tambem entristecidos ao verificarem a falta de consistencia daquelle solo e patentearem como pequenas são as forças humanas para poder dominar a massa liquida que derruba, estrangula e arrasta os maiores colossos vegetaes, que, não só pelo porte, como pela força e solidez de seus troncos, infundem respeito. Mas a impressão passa e novas paisagens e aspectos novos apparecem. Já se apreciam em maior extensão as longas praias. Dormitando na areia amarella vêem-se enormes jacarés.

Alguns passageiros que têm a pretensão de bons atiradores, inutilmente se esforçam por attingir com as balas de seus revolvers ou de seus rifles as cabeças daquelles longos corpos negros, que não se mexem nem dão importancia aos estampidos e projectis. Si, por acaso, a bala fura a areia, proximo daquellas massas negras, ellas, que dão a impressão de lhes faltar agilidade, se



O rio Acre na vasante, vendo-se o porto da cidade de Rio Branco e, ao fundo, a torre da estação radio.



movem rapidamente e penetram na agua, desaparecendo. Mas assim só procede o que se viu ameaçado, pois os outros continuam immoveis como se nada tivesse havido.

A navegação se torna mais difficil.

Depois de deixarmos a Bocca do Inauhi-ny, nessa época do anno, já o leito do Purús é menos profundo.

São necessarias constantes sondagens, que tornam a viagem mais demorada. Navega-se com cautela, receando os bancos de areia e as elevações de nivel no leito fluvial.

A todo momento são feitas manobras complicadissimas, e apesar de tudo isso, tem-se a impressão de que nada impede de se ir no "Vaticano" até a Bocca do Acre.

Já passamos o "trapiche" Bom Logar e vamos caminhando com os mesmos cuidados; sondagens aqui, manobras complicadas um pouco mais além, e o "Vaticano" vae navegando rio acima.

Alguns apitos de outras embarcações se fazem ouvir cortando o silencio reinante, apenas ligeiramente perturbado pelo barulho das machinas do "Vaticano", com o qual já nos habituamos.

A tripulação e os passageiros se alvoroçam. O "Vaticano" está perto de uma "volta" e não é possível ver as embarcações que descem o rio e das quaes partiram os apitos.

Mais alguns momentos e despoñtam singrando o rio algumas pequenas embarcações que, navegando em direcção á correnteza, parecem mais velozes. São as "chatinhas", outro typo de "gaiola", de menores proporções e com menos commodidade.

O "Vaticano" pára, e as "chatinhas" atracam ao seu costado.

Os commandantes conferenciam, e depois de longa espera, sabe-se que ficou combinado que o "Vaticano" retroceda. A vasante nos altos rios se accentua cada vez mais e ha perigo de que elle encalhe, trazendo com isso grandes prejuizos.

Voltamos para a Bocca do Inauhiny.

Seguem-nos as "chatinhas". Nesse ponto, ao abrigo das surpresas da vasante, é amarrado o navio.

Começa, então, sem intermittencia, o transbordo da carga.

Dia e noite o serviço é feito sem parar e sem que haja tambem o cuidado de zelar pelo somno dos passageiros.

Em nosso redor encontram-se cinco "chatinhas". De cada bordo está atracada uma, e ao largo, encontram-se as outras tres.

Emquanto as mercadorias que vão para os altos rios são passadas para as "chatinhas", as que se destinam ás praças de Manáos e Belém são transferidas para o "Vaticano".

O ambiente é o mesmo, a paisagem se conserva inalterada e o barulho continúa infernal.

Decorrido um dia após a parada, parte a primeira "chatinha". Segue rumo de Senna Madureira, séde do município do Purús, continuando portanto a navegar pelo sinuoso affluente do Amazonas.

Com a partida da primeira "chatinha" ha alguma mudança na vida de bordo, quebrando-se por alguns momentos a monotonia reinante.

Os que seguem naquella embarcação põem em reboliço o "Vaticano".

Partem contentes por se approximar o termino da viagem.

O pequeno "gaiola" põe-se em movimento. Lenços se agitam num ultimo adeus; saudações são trocadas entre aquelles que durante longo periodo se acostumaram a uma vida que traz recordações agradaveis. Alguns momentos são occupados em avistar a embarcação que parte. Logo após

volta tudo á mesma quietitude. A "chatinha" dobrou a primeira volta e desapareceu. Com ella desapareceram tambem muitas illusões daquelles que se dedicaram ao "flirt", ou que encontraram na pessoa de alguma jovem o typo ideal dos seus sonhos. No emtanto, nada podia modificar mais o traçado do destino. Havia chegado o momento de desfazer em fumaça os sonhos acalentados durante as noites de vigilia, ao luar, junto á roda do leme. Os que assim se encontravam tinham chegado á encruzilhada dos destinos; cada qual seguia seu rumo, embora que durante fugazes momentos tivessem pensado que o resto de sua vida estava já ligado, para sempre e pelos mesmos élos, a daquellas com as quaes apenas mantiveram o convívio de alguns dias.

A PARTIDA DA SEGUNDA "CHATI-
NHA" EM DEMANDA DA CAPITAL
ACREANA.

A "FRIAGEM".

AS ACCOMMODAÇÕES DE UMA "CHA-
TINHA".

A VIDA DE BOCCA DO ACRE.

A VILLA DE BOCCA DO ACRE.

ATINGINDO AS FRONTEIRAS DO
TERRITORIO DO ACRE.

E' noite. Em um grupo formado na prôa, aproveitamos os ultimos momentos de bôa camaradagem feita a bordo. No dia immediato dar-se-á a partida da segunda "chatinha", que se destina á capital acreana. Palestra-se recordando episodios da vida de bordo.

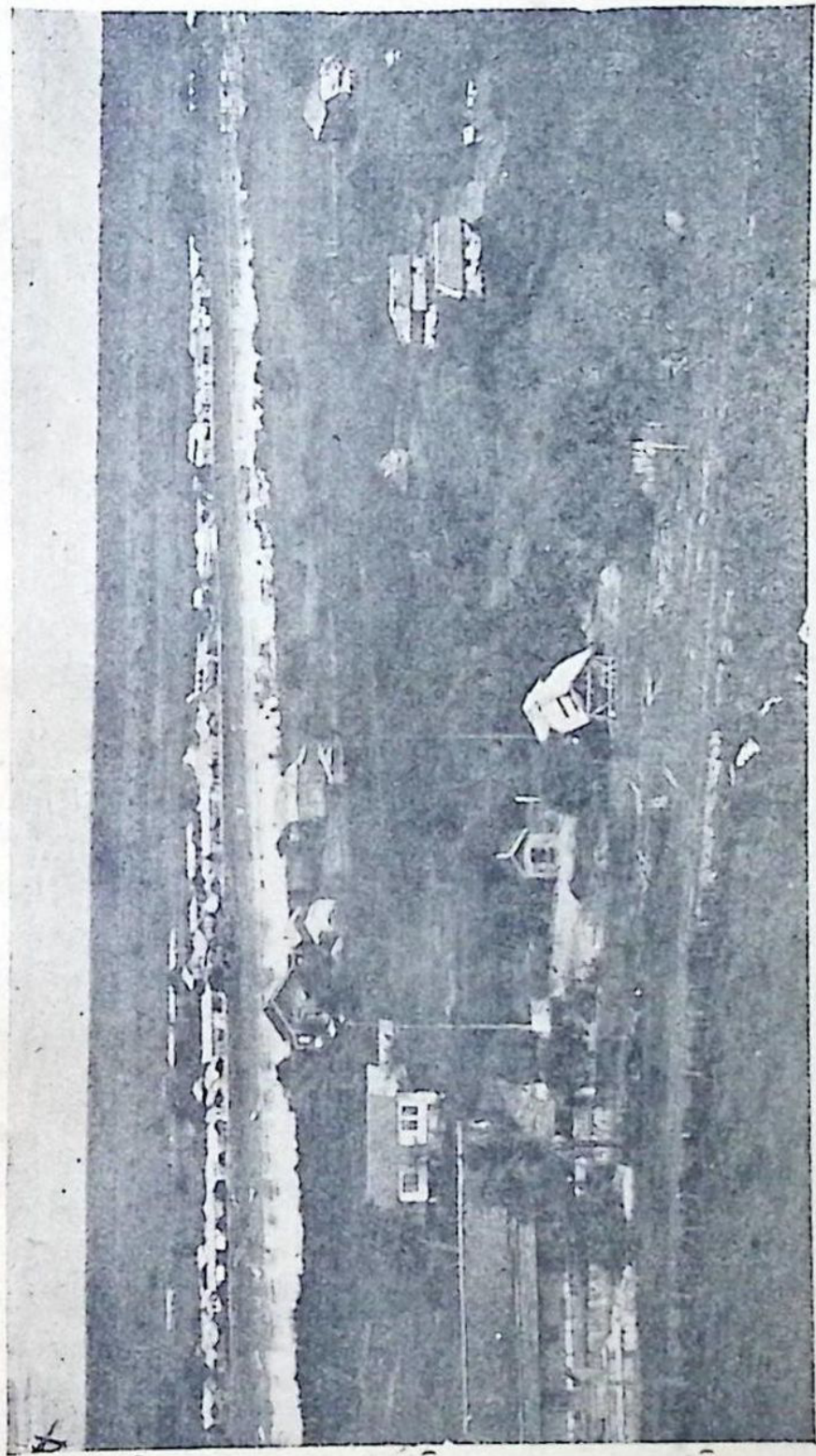
Já o dia findou; passa da meia-noite. Em dado momento, um caboclo forte, tez bronzuada, cabellos negros e lisos, apparece deante de nós. Nunca tinhamos visto aquelle typo a bordo e estranhámos a sua presença. O caboclo se dirige ao grupo e pergunta onde podia comprar umas "besteirinhas". Não conhecíamos aquelle termo e nos consultámos com o olhar. Um dos do grupo, mais experimentado, perguntou se elle queria falar com o barbeiro. A resposta foi affirmativa, e logo em seguida, satisfizemos ao desejo do caboclo, que saiu incontinenti em procura do homem

que lhe interessava. Tivemos, então, explicação daquella scena que nos parecia estranha. Aquelle caboclo era residente na margem do rio, e aproveitando a folga nocturna, viera na sua "montaria" para comprar collares de fantasia, berloques, perfumes, sabonetes, e outras cousas semelhantes que tanto valor têm para individuos que se acham isolados na immensidão da floresta e que sentem desejo de homenagear e agradar a sua companheira. Sendo o barbeiro dos "gaiolas" o homem que tudo vende, são elles procurados com ansiedade pelos sertanejos, que em troca de objectos de pequeno valor, deixam grande parte das economias.

A palestra terminou cerca de duas horas da madrugada. A noite está fria e a mudança de temperatura se vem notando desde as primeiras horas da tarde do dia anterior.

E' a "friagem", um dos mais interessantes phenomenos da região occidental da bacia amazonica, que se vem approximando. Dias antes ella já tinha sido presentida pelos conhecedores da região que a previram pela presença de enormes grupos de pequenas borboletas que se agglomervam na beira das praias, e tambem pela affluencia assustadora de pequenos besouros.

A temperatura da noite dá-nos a impressão de que se está em algum ponto da região do sul



© Rio Acre cortando a cidade de Rio Branco e separando os bairros de Pennapolis, no primeiro plano e Empreza, no segundo.



1 brasileiro. E' baixa e mais sensivel devido ao calor excessivo dos dias anteriores em que o thermometro chegou a registrar 32 grãos á sombra.

Com a "friagem" o thermometro baixou e marca apenas sete grãos. Numeros mais baixos tem attingido, no emtanto, a temperatura, chegando-se a affirmar que tem havido "friagens" tão fortes que chegam a formar-se camadas de gelo nos lagos interiores, dando em consequencia a morte dos peixes.

O viajante, habituado até então ás temperaturas elevadas, durante as noites fugia dos camarotes e ia dormir nas rêdes armadas no tombadilho. Agora, elle se recolhe ao beliche e ainda acha insufficientes os cobertores.

No dia immediato, ás primeiras horas da tarde partia a segunda "chatinha", com rumo á cidade de Rio Branco, capital acreana.

• Foi nessa que partimos.

A impressão que se tem ao deixar o "Vaticano" é que se sáe de um palacio para habitar uma casa de commodos. Até então, as accomodações do "gaiola" em que viajavamos pareciam ser pessimas. Entrando-se nas "chatinhas" deixa-se de ter essa impressão. O "Vaticano" já se assemelha a um palacio que, com grande magua, abandoná-

mos para morar em uma pequena casa onde muitos outros vão também habitar.

Conforme acontece com o rio que, pouco a pouco, se vae estreitando, quanto mais por elle enveredamos, assim succede com as embarcações que nos levam para as suas nascentes. Quanto mais nos approximamos das cabeceiras dos rios, mais deficientes são as commodidades de bordo. Os camarotes das "chatinhas" têm apenas dois beliches, são mais estreitos e não estão dotados de agua corrente. Formam duas fileiras que ladeiam um pequeno e estreito salão, o qual foi transformado em appartamento reservado ás senhoras e deposito de pequenos objectos mais frageis e de maior valor.

Na parte posterior do navio estão as mesas de refeições, entre malas, cachos de bananas pendurados e tendo á vista a cozinha que fica mais atrás, onde estão também osapparelhos sanitarios.

Na parte da frente estão as cadeiras de descanso, velhas e desengoadas e a casa de commando, sem abrigo e em contacto directo com os passageiros que, durante as horas de lazer e nas noites enluaradas, ouvem as explicações do capitão do navio sobre a difficil arte de navegar en-

tre baixios e troncos de arvore que atravessam os rios da região amazonica.

A parte inferior do navio, onde estão as machinas e as bagagens, é a terceira classe. Ali, o aspecto é o mesmo do "Vaticano". O ambiente é identico. A commodidade dos que ali viajam é, no emtanto, menor. Constantemente, quando a embarcação vae carregada, a terceira classe é varrida de um lado para outro pela agua do rio.

Emfim, as "chatinhas" são muito menores que o "Vaticano", calam apenas quatro pés e navegam por meio de uma roda á pôpa que, externamente, lhes dá um aspecto completamente diverso das outras embarcações.

Já deixámos o costado do "Vaticano".

A "chatinha" já partiu. Pouco a pouco ella avança rio acima, deixando á rectaguarda a curva onde se unem o Inauhiny e o Purús, e atrás dessa "volta", desaparece o "Vaticano".

Tornámos a passar por alguns logares para nós já conhecidos.

Avistámos novamente Bom Logar e verificámos o facto singular das margens apresentarem aspectos completamente differentes daquelles que já tínhamos avistado. E' que a agua do rio baixara muito devido á vasante que cada vez mais se accentua, tornando as praias mais largas e os

barrancos mais altos. Nestes e naquellas, ainda se notam os signaes evidentes da enchente com os vestigios deixados nas arvores e no solo.

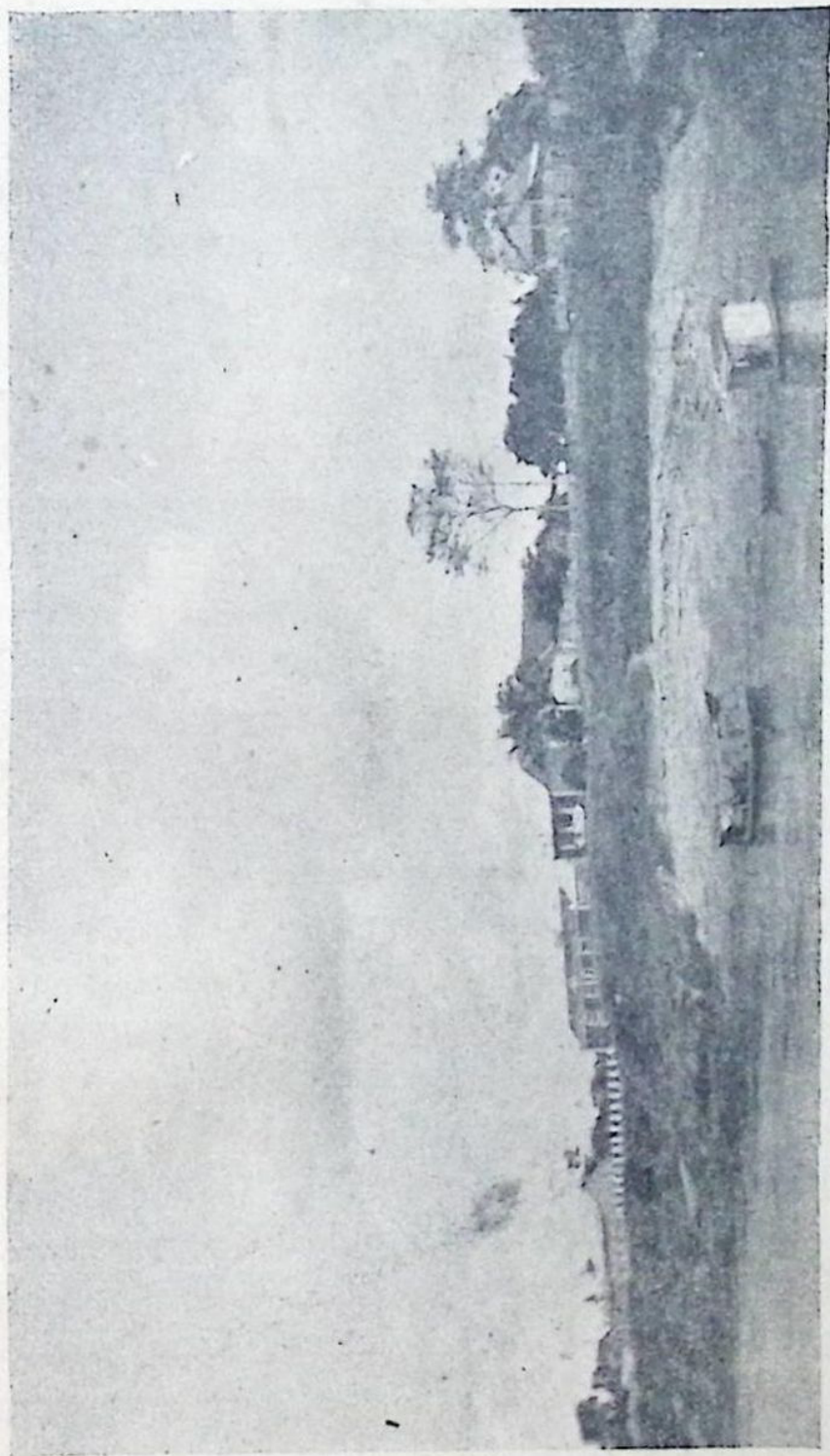
Navegámos á noite, e apesar de grande o barulho das machinas, em nada prejudica o sono dos passageiros que se habituaram a dormir com a algazarra e os ruidos consequentes dos serviços de transbordo de carga.

Ao amanhecer, estavamos na Bocca do Acre, ponto onde o rio Acre deságua no Purús.

Na faixa de terra da margem direita do Acre, que se prolonga pela do Purús, estende-se a fileira de casas de madeira, que abrigam as repartições publicas, o commercio e algumas residencias. Na margem opposta do Acre, abrangendo tambem parte da direita do Purús, estão os armazens da Amazon River e algumas casas de moradia. Na margem esquerda do Purús está construido pequeno numero de casas muito espalhado e bastante disperso.

E' isso a villa de Bocca do Acre. Casario de madeira, de pessima apparencia, ruas tortuosas e mal tratadas, barracas de jogo, tavernas sordidas.

Apezar desse mal aspecto, a villa é uma das mais movimentadas daquella região amazonica. Ali é a parada forçada de todas as embarcações, grandes ou pequenas. E' o ponto de convergen-



Outra vista do barranco do rio Acre no porto da cidade de Rio Branco.



cia de duas importantes linhas de navegação: a do rio Acre e a do Alto Purús. Aquella, conduz á Bolívia e mesmo ao Perú, e esta, aos pontos mais extremos do Purús e do Yaco.

Como centro commercial, a villa de Bocca do Acre é um dos mais importantes da região. Apezar disso, a miseria ali reina, como em quasi todos os pontos da região amazonica, accentuando-se mais em uns do que em outros, conforme menor ou maior foi o seu apogeu nos tempos aureos do "ouro negro".

A chegada da embarcação á Bocca do Acre desperta a attenção dos que têm negócios que tratar, e esses se movimentam, dando a impressão de vida, de actividade, que em outros logares não se tem notado.

Ponto de convergencia de duas linhas de navegação e, portanto, passagem forçada dos navios que demandam o Alto Purús e o Alto Acre, a villa é, só por sua collocação geographica, um porto fluvial de importancia. Isso, no emtanto, não impediu que ali não fosse localizada a séde do municipio, que se acha em outra villa de menos importancia, que é Floriano Peixoto (antiga Antimary).

Quem desce no desembarcadouro principal de Bocca do Acre, encontra logo a Agencia do

Correio e uma escola. O funcionamento desta, devido á crise que atravessa o Estado, parco de recursos para pagamento dos vencimentos do funcionalismo, — é irregular, sendo poucos os professores que ali desejam permanecer. No entanto, a villa merece alguma attenção, pois é quasi de 400 o numero de crianças em idade escolar.

Apezar de ser um centro commercial de algum valor, possuir regular população que trabalha e está em constante actividade, sendo tambem possuidora de armazens da Amazon River. Bocca do Acre não tem um medico. Ali existe apenas um curioso, individuo que, ha algum tempo, se entrega ao mister de curar e que é conhecido como o "Dr. Sabugo". Elle possui uma pharmacia e se dedica com carinho á cirurgia, que applica quando apparecem oportunidades. Esse individuo, que aqui merece um registo especial, não se apresenta como um pretencioso e enfatuado. Sabe avaliar o seu verdadeiro papel e se recolhe á mediocridade, na presença de qualquer medico. Elle faz o que é possível dentro dos seus rudimentares conhecimentos.

Não foi longa a permanencia em Bocca do Acre. Tendo-se chegado aos albores na madrugada, começámos a navegar cerca das 9 horas. Já então não sulcavamos mais as aguas do sinuoso

Purús, mas sim as do seu affluente Acre, tão conhecido pelos factos historicos que ali se desenrolaram, como tambem pelas lendas que envolvem os primeiros dias da historia da sua existencia.

Se o Purús é famoso pelas riquezas que encerra nas suas aguas, fornecendo abundantes e saborosos peixes e tambem pela exuberancia e riqueza das terras que banha, — o Acre nada lhe fica a desejar, pois é tambem muito piscoso e fertilissima é a terra que o margina, sendo mesmo consideradas como as melhores da região amazonica.

Quanto á physionomia (se assim se póde dizer) do rio Acre, em muito se assemelha a do Purús. A agua é barrenta, os “estirões” e as “voltas” se succedem com frequencia, deixando ver, ora longas e interminaveis praias, ora bellas terras firmes, onde assentam pequenos povoados, refugio da população que ali vive e luta sem cessar contra a agua que, por periodos longos, tudo invade, dominando e enfraquecendo os esforços do homem.

Mais estreito que o Purús, o Acre agora nos dá a impressão de que já estamos mais proximo do vertice do funil pelo qual caminhamos. Antes era o magestoso e larguissimo Amazonas, que foi succedido pelo Purús onde as margens se appro-

ximavam, pouco a pouco, mas não tanto que se não pudesse notar que ainda ali o homem era impotente para subjugar aquella massa liquida. Agora, é o Acre, mais estreito, menos caudaloso, com as margens mais proximas e dando oportunidade a que se aprecie de mais perto as bellezas que encerram as immensas florestas que se succedem desde o Amazonas.

Por emquanto ainda não se nota nenhuma differença entre o Purús e seu affluente. Já passamos no lugar denominado Floresta e já attingimos ao porto de lenha Santo Antonio.

Nesse ultimo parámos e recebemos lenha. Emquanto era feito o estafante e entorpecedor trabalho, apreciavamos na praia proxima os jacarés que dormitavam.

A "friagem" se approxima cada vez mais. Os dias começam a ficar menos quentes. Já é necessario o uso de agasalhos durante a noite. Segundo dizem, a "friagem" nada mais é que o resultado de ventos frios provenientes dos Andes e consequentes do degelo. O facto é que a temperatura está muito baixa e que o thermometro não marca mais 39 grãos. Certa noite elle estava abaixo de 7°. A differença é sensivel e foi quasi que brusca.

O viajante tem a impressão de que se encontra nas regiões do sul. Estamos, no entanto, em plena zona torrida, muito proximo do Equador. Com o declínio da temperatura, a viagem se torna mais agradável, enquanto com a descida das aguas que cada vez mais se accentua, o navio caminha menos facilmente.

Já não navegamos depois de determinada hora da noite pois, em plena vasante, como então se encontra o Acre, é perigoso isso tentar. Passámos por Floriano Peixoto, antiga Antimary. A parada foi rapida. A necessaria para deixar um pouco de bagagem.

E' noite, e ao longe só se vêem algumas luzes no alto do barranco, onde se acha a séde do municipio. Navega-se mais um pouco para pararmos em um porto de lenha, Mocó, onde se pernoita.

No dia immediato, aos primeiros clarões da madrugada, proseguimos viagem rio acima.

A "chatinha", apesar da sua construcção especial, avança com difficuldade, evitando os logares perigosos. O piloto se mostra um profissional perfeito.

Porto Central. Novo Axioma, Novo Andirá e outros seringaes são escalas forçadas para a

entrega de correspondencia e alguma encomenda. Passámos na povoação de Macapá.

Caminha-se mais um pouco e nos encontramos nos limites do Amazonas e do Territorio do Acre. Estamos em Caquetá. E' ali a divisa entre o Acre Amazonense e o Acre Federal.

O navio é obrigado a parar para as exigencias fiscaes. Cumpridas estas, já estamos em territorio federal, fóra da jurisdicção amazonense.

CAQUETA, A PORTA DE ENTRADA DO
TERRITORIO ACREANO

A VILLA DE PORTO ACRE E A SUA
TRADIÇÃO HISTORICA

A "PRAIA DE VENEZA" E A "CA-
CHOEIRA"

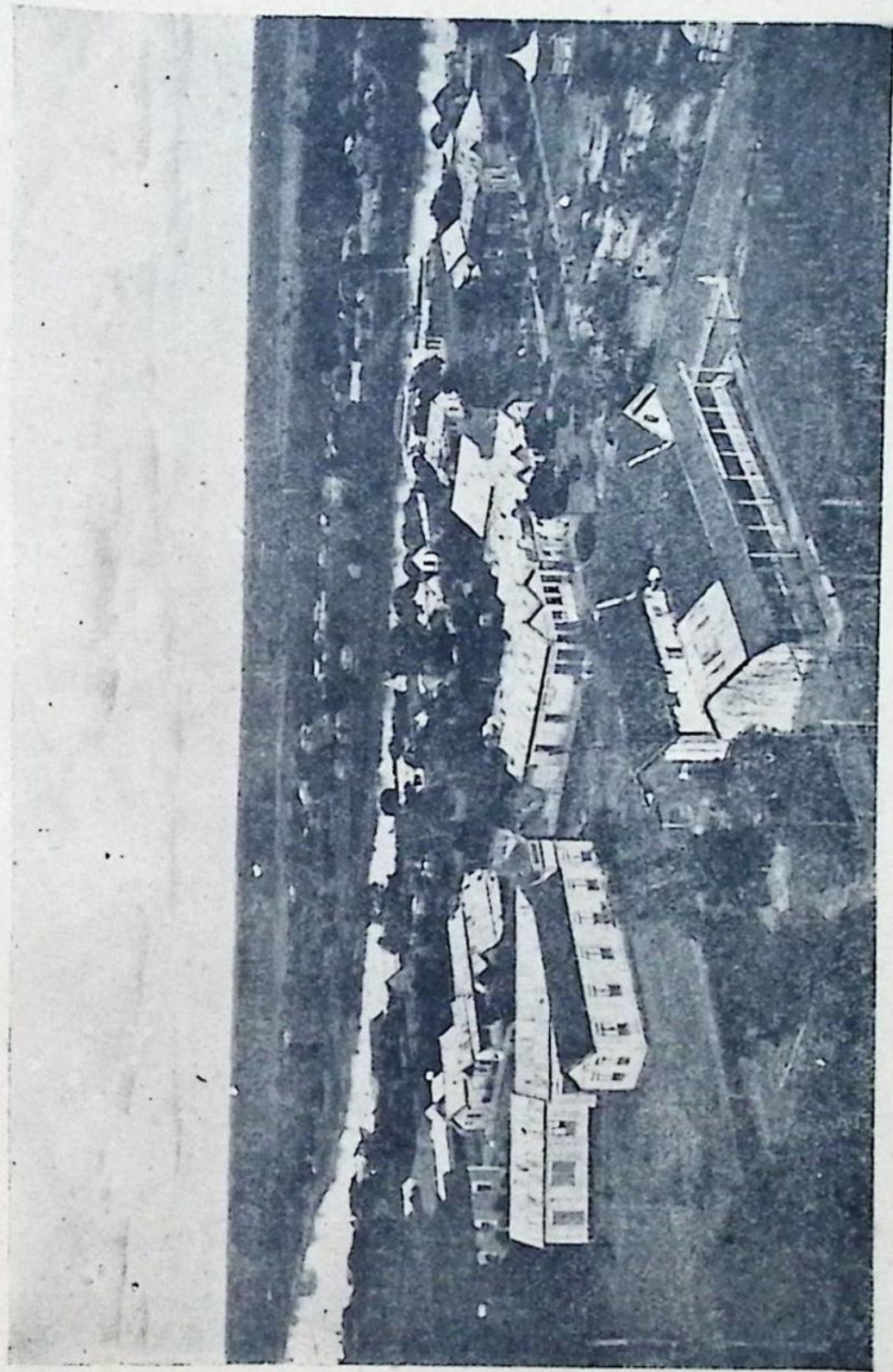
O "REGATÃO", UM DOS TYPOS CARA-
CTERISTICOS DA REGIÃO AMA-
ZONICA

HUMAYTA, BAGAÇO, BELLA VISTA E
CATUABA

NA CAPITAL ACREANA

RIO BRANCO, SUA VIDA E SEUS
PRINCIPAES CARACTERISTICOS

EMPREZA. PENNAPOLIS. BAIRRO.
QUINZE E COLONIAS



Rio Branco, a capital acreana, vista da torre da estação radio. No primeiro plano está o bairro de Pennapolis.



Caquetá é a porta de entrada do Territorio do Acre.

Já estamos navegando em aguas que são apenas de jurisdicção federal, onde a autoridade do poder central se faz sentir por diversos representantes, cujo trabalho disperso só póde contribuir para o progresso da região se um delles tiver o sufficiente prestigio para fazer dominar a sua autoridade controlando a dos outros. Si o governador do Acre fôr um individuo bastante habil e o depositario da confiança immediata do governo central, tudo ali só se faz com seu beneplacito ou por seu intermedio. Si isso não se verificar, e o governador não tiver a autoridade e o prestigio sufficientes para poder controlar a acção dos outros representantes das autoridades federaes, ali destacadas, resulta a desordem, a falta de união de vistas e as lutas de character politico, as quaes,

por vezes, já passaram ao plano da revolta e da expulsão do governador.

Este, no entanto, precisa ser um homem affeito a administrar e que se não deixe empolgar pelo mando, transformando aquella região em sua senzala. Caso isso se verifique, a situação se assemelha á anterior, dando em resultado a sublevação dos elementos amesquinados e a consequente confusão e desordem.

Essas considerações podem ser postas á margem como o commentario de um viajante conhecedor da região.

Prosigamos na rota. Enveredamos pelo rio acima, deixando atraz o ultimo ponto do territorio amazonense que é Caquetá.

Estamos agora em caminho da tradicional cidade de Porto Acre, antiga Puerto Alonso, do dominio boliviano.

A's 21 horas alcançámos o grande barranco, no qual se destaca a villa, que fica á margem esquerda do rio Acre.

A "vasante" nos apresenta uma subida íngreme e de cerca de trinta metros. Em tempos idos, quando a região amazonica nadava em ouro com a alta do preço da borracha, aquella povoação era prospera e cheia de vida. Hoje, ella vive do passado, da grandeza que se vislumbra

no poente e dos feitos historicos em que as armas brasileiras, não fazendo gloria de conquista, mas sim de reivindicação, ratificaram o dominio brasileiro que já fôra implantado pelo braço nordestino.

E' de tudo isso que Porto Acre vive actualmente. A sua vida é acanhada, não ha commercio que se possa apreciar. No emtanto, a acção do governo territorial ali se verifica logo á primeira vista. Subindo-se o barranco e passando por entre as poucas casas de madeira, cobertas de zinco, nota-se a existencia de duas escolas, uma territorial e outra municipal.

Lá estão o posto policial, o posto sanitario e o agente arrecadador da municipalidade. Essas instituições que, antes, na passagem pelo territorio amazonense, se verificava que estavam em plano secundario, desde logo se vê que ali voltam á primeira linha das cogitações da administração.

Embora as installações não sejam as que se podia desejar como minimas para qualquer dessas instituições, não se deixa de sentir que parece vibrar um novo enthusiasmo e uma vontade firme com as quaes se procura supprir as faltas existentes.

O rio continua a baixar e o leito fica a descoberto. Já é noite alta e é necessario aproveitar o

tempo e a agua que ainda não se foi. O commandante, habil navegador fluvial, não permite a demora em Porto Acre.

Continuamos a navegar. A noite está clara e a "friagem" é cada vez mais forte.

Junto do commandante, que tem a sua attenção voltada para o tortuoso e enganador rio que se apresenta á sua frente e para a roda do leme, — estão os mais affeitos aos climas do sul.

Apreciam e commentam as difficeis manobras da embarcação, que singra as aguas onde se escondem os bancos de areia e os troncos de arvores, que, qual aguçadas navalhas, mal affloram á superficie do rio.

De momento a momento, a "chatinha" que navegava serena ao lado de uma das margens, atravessa a corrente e vae sulcar o calmo remanso da outra margem.

O commandante, inquerido sobre a razão de ser dessas manobras, calmo e com os olhos fitos nas aguas, informa que era necessario fugir ao perigo que estava á frente. Ora, era o tronco de uma formidavel castanheira ou de um páo mulato, ora um banco de areia, resultado da quéda de um barranco.

Dous pontos do rio são famosos pelos perigos que apresentam e receios que causam aos via-

jantes. Um delles é a praia de Veneza e, o outro, é o logar denominado "Cachoeira".

Este ultimo, por muito tempo interrompeu a navegação e muito perturbou o commercio e a vida acreana.

Navegamos mais um pouco e estamos já no seringal Bom Despacho.

E' um dos mais prosperos da região mas, no presente momento, soffre as consequencias da depreciação da borracha.

Percorrendo-o, verifica-se que ali dominou a abastança.

E' um amplo palacete, construido de madeira e lembrando os solares das antigas fazendas. Cerca-o um bello e grande parque, muito bem cuidado, com caramanchões, pontes e lagos que lembram um recanto poetico e destinado ao estádio de noivos que se preparam para a vida real, tendo antes, como aperitivo, o isolamento do mundo e o encerramento em sua propria felicidade.

De madrugada saimos de Bom Despacho. Pela margem do rio fomos encontrando as pequenas palhoças habitadas por seringueiros que, deixando o interior, se localizam junto á grande via de communicações, o rio, por serem mais fa-

ceis as viagens pela via fluvial que pelos "varadouros" ou picadas da floresta.

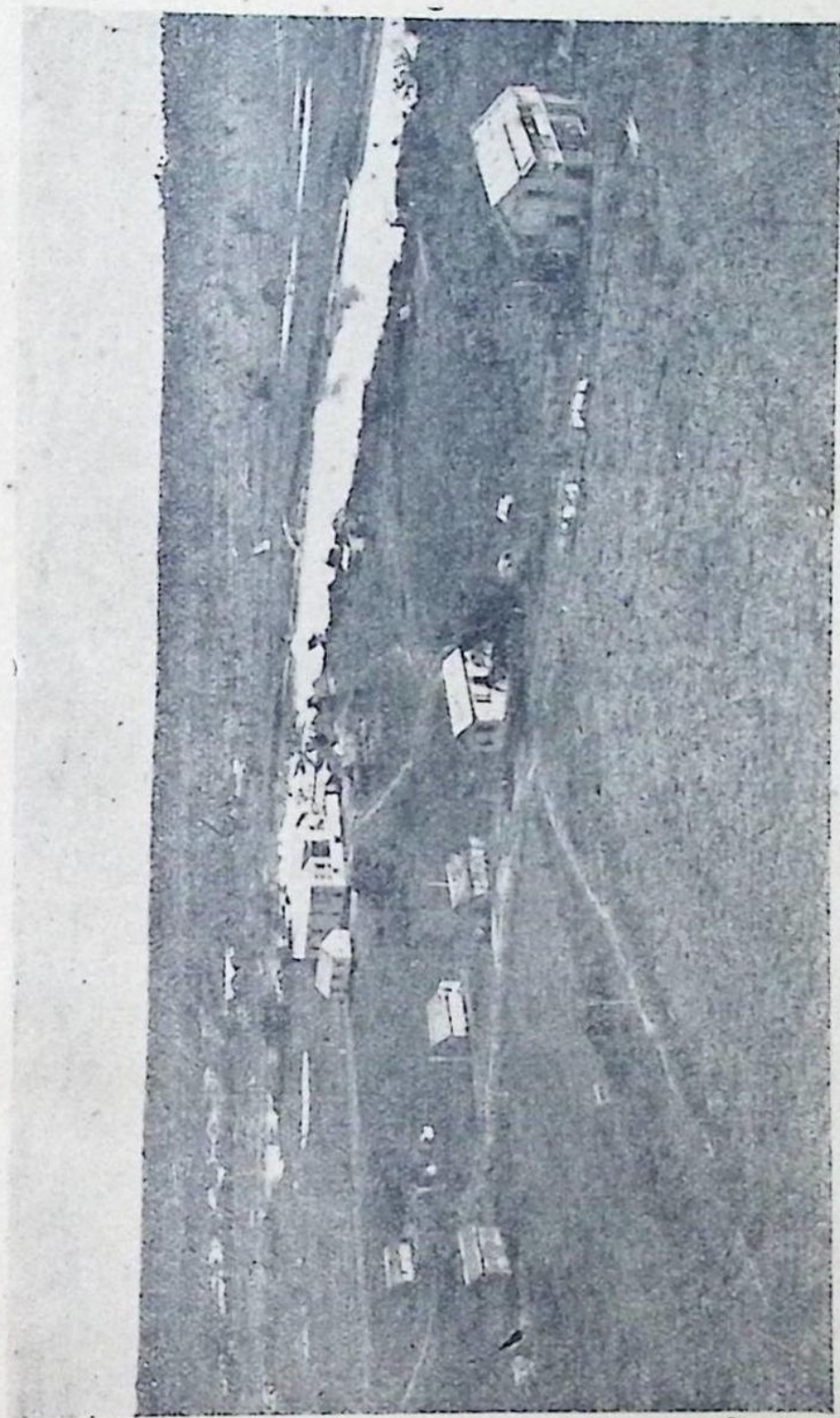
De quando em vez, atracada ao barranco de uma ou outra palhoça, notámos uma pequena embarcação. Typo differente das "montarias" dos seringueiros, ellas parecem ser preparadas para viagens longas. Livre, têm apenas a prôa onde ficam os que tem que remar. De pouco antes do meio até á pôpa está armado uma especie de beliche, com entrada pela parte da prôa. Esse beliche tem duas janellas lateraes com cortinas.

Esse improvisado beliche é quarto e deposito de mercadorias. Ali se encontra de tudo. Ha fazenda de seda, chita, perfumes, pentes, collares, remedios, conservas de toda especie, livros; emfim, tudo que possa attrair a attenção ou o desejo do seringueiro.

Dos viajantes dessa embarcação um é o dono e, o outro, seu empregado, exercendo as funções de remador, vigia, etc.

De dia essa embarcação navega; de noite, pára junto ás barracas dos seringueiros, na maioria freguezes já conhecidos.

E' isso o "regatão", um dos typos mais característicos e curiosos dos rios da região amazonica. Mettido nessa embarcação, o "regatão" que quasi sempre é um cidadão turco ou syrio, exerce



Outra vista da capital acreana, em que se verifica que a malha só aparece muito distante, antecedida por vários campos de pastagem.

o commercio em geral. Compra, vende, troca de tudo e com todos, mas principalmente com os seringueiros que, fugindo ao dominio dos donos de seringaes, sentem tambem o desejo de ludibriar estes, caindo então nas garras daquelles que sugam até o ultimo producto do seu labor.

O "regatão" é, em geral, considerado como um negociante fóra da lei. Se as municipalidades cincedem-lhe licença, delle tiram pesadas contribuições, que tornam quasi impossivel a legalização da situação entre elle e o fisco. Nessas condições negocia sem licença, sendo perseguido.

Os donos de seringaes, repudiam tambem os "regatões". Nelles vêem um concorrente perigoso, por intermedio do qual muitas vezes se escôa a producção dos seus latifundios.

Ha, tambem, a considerar que os proprietarios de seringaes são os fornecedores dos seringueiros. Vendem tudo que elles necessitam, desde o rifle e munição até viveres e roupas de uso; emquanto o seringueiro lhe entrega toda a producção das "estradas" de seringa onde trabalha. Ora, demonstrado o desejo do encontro de contas, quasi sempre o seringueiro verifica, quando tem capacidade para tal, que foi ludibriado e não lhe resta quasi nenhum saldo, pois as despesas suas e da família attingiram quasi o total do pro-

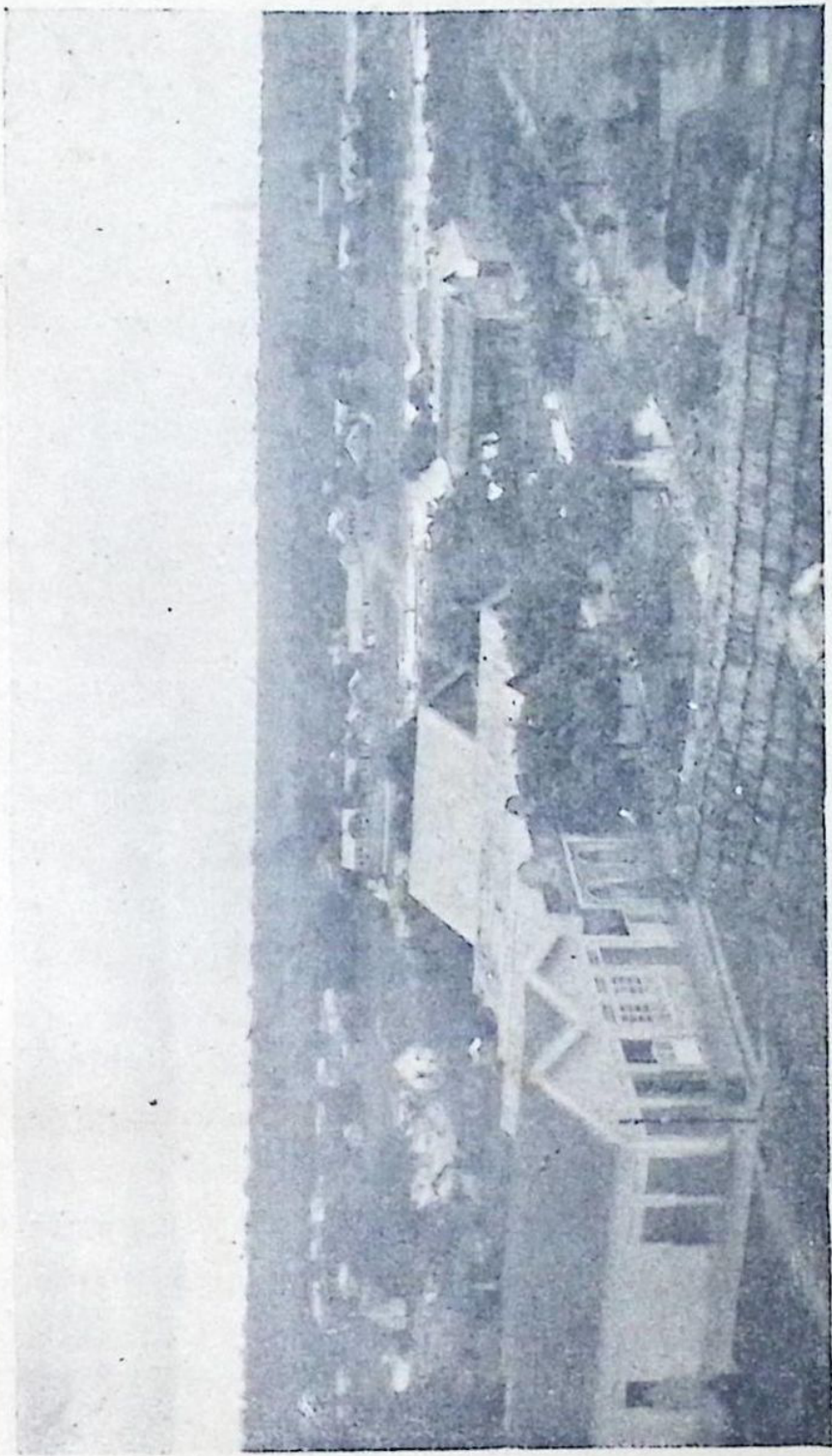
ducto das "pellas" de borracha que entregou ao patrão. Dahi o odio do seringalista ao "regatão" e o combate que lhe move. Consequentemente, o seringueiro, levado pela tradição, deseja tambem enganar o dono do seringal, e acolhe o "regatão", entrega-lhe as "pellas" de borracha que consegue esconder e, em troca, recebe o que este lhe quer vender declarando como sendo os artigos mais finos. Algumas vezes o "regatão" fornece tambem dinheiro, mas este em muito menor parcella do que as mercadorias, com as quaes obtem maior lucro.

São destes individuos as embarcações que agora avistamos com mais frequencia, por ser mais estreito o rio.

Os "regatões", no emtanto, não frequentam muito os rios principaes por onde navegam os grandes "gaiolas". Geralmente fogem destas vias importantes e preferem fazer seus negocios pelos "igarapés" onde, no emtanto, ainda são perseguidos, sendo alvo ás vezes de ataques por parte dos que não lhes dão treguas e que elles procuram illudir.

A nossa viagem está quasi em seu termo final.

Já passámos pelos seringaes Humaytá, Bagaço e Bella Vista e estamos em Catuába.



Rio Branco. A rua principal do bairro de Pennapolis.

O commandante da "chatinha" se tem revelado um perito na arte de navegar pelo rio acima.

A vasante está cada vez maior. Da "chatinha" parece que o fundo se arrasta pelo leito do rio. A cada momento temos sensações novas que nos levam a acreditar que a embarcação vae parar. O rio já se assemelha a algumas das pequenas correntes dagua onde a navegação é impossível.

Os *habitués* daquellas viagens nos descrevem o que será a viagem se a "chatinha" tiver que parar. Teremos que nos servir de embarcações muitos menores, denominadas "motores" que nada mais são de que canôas dotadas de motores de gazolina localizados na pôpa. Nessas novas embarcações, como é facil julgar, não existe commodidade. Cobertas com toldos de madeira ellas vão repletas de carga de toda especie, e sobre esta, os viajantes, os quaes, na maior parte do tempo, ficam deitados nas rêdes que se cruzam umas sobre as outras, presas ás estacas que sustentam o toldo de madeira.

A exiguidade do espaço não permite a existencia de banheiro, nem tão pouco deapparelhos sanitarios. A agua utilizada para tudo é a do rio. No rio tambem são despejados todos os detricitos.

Para o elemento masculino a viagem ainda é supportavel. Para as senhoras ella se torna um supplicio.

Felizmente este quadro não se deve tornar realidade para os tripulantes da "chatinha". O piloto garante que irá até a capital acreana.

Já partimos de Catuába e vamos navegando sob frio intenso consequente da "friagem".

Segundo affirmam, pouco falta para attingir Rio Branco.

E' noite e já passámos pelo igarapé da Judia.

Luzes se destacam nas duas margens.

A' direita nos apontam um grande edificio, todo illuminado a electricidade, e nos informam ser a cadeia. Pouca attenção demos a esta informação.

Facto mais singular despertava o nosso interesse.

Ha quasi um mez que nos encontravamos longe dos grandes centros civilizados. Na nossa róta deparavamos apenas com pequenas povoações rudimentares em seu progresso material e desenvolvimento intellectual. Não podiamos suppor que, depois de nos termos embrenhado tanto pelo Brasil, fôssemos encontrar uma verdadeira cidade, embora que ainda incipiente. Até então,

apezar das informações colhidas, sempre fizemos de Rio Branco, a capital do Acre, a idéa de uma cidade de vida mais do que rudimentar.

Tínhamos em mente que ella era apenas uma povoação com algumas casas, um pouco maior do que as que até então tínhamos visto. Nunca podíamos conceber que após um mez de viagem, enfadonha e estafante, fossemos parar a uma cidade. Esperavamos encontrar apenas um agrupado de casas, sem nenhuma expressão intellectual. No emtanto, o que víamos, impressionava vivamente.

A noite favorecia ainda mais para que a impressão de um sonho se tornasse realidade. A' medida que a "chatinha" se approximava, melhor se desenhava a cidade diante dos nossos olhos.

Habitutados á exiguidade de luz e mesmo á escuridão em que até então se envolvia a floresta marginal do rio, o que víamos então era apenas maravilhoso.

Luz e muita luz que nos fascinava e dava ao viajante, já embrutecido pela visão constante da treva, a idéa de que estava em sonho, vendo cousas maravilhosas.

A impressão de exuberancia de luz era, no emtanto, apenas originaria do contraste brusco entre a treva e as luzes que se apresentavam en-

tão á frente do viajante. A illuminação electrica de Rio Branco apesar de modesta é, no emtanto, sufficiente para se ter uma impressão agradável.

A capital acreana se estende pelas duas margens do rio.

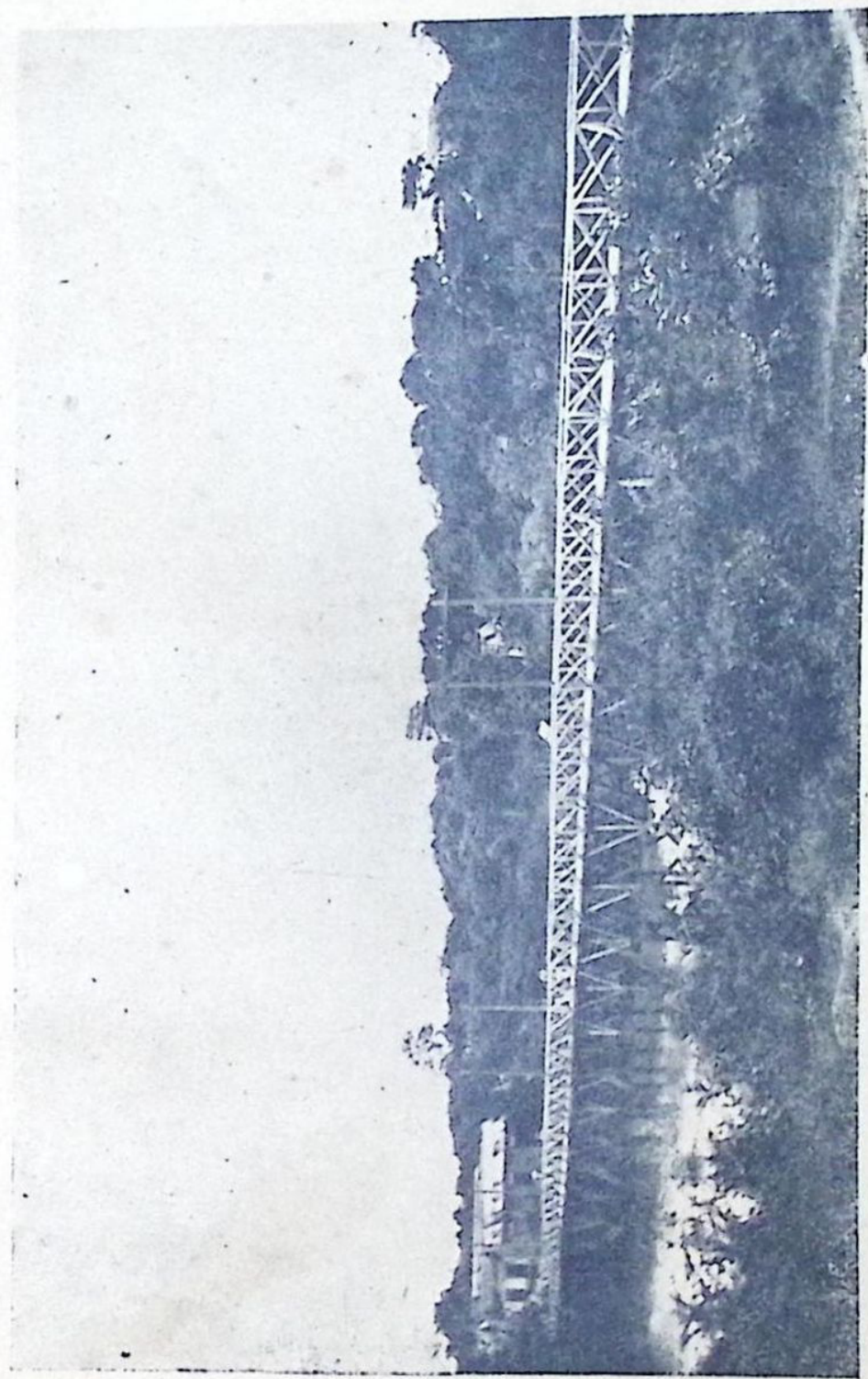
Após os apitos convencionaes, a "chatinha" atraca.

Alto barranco se ergue, e por elle espalhado grande numero de pessoas. A chegada de uma embarcação é, e sempre será, um facto que desperta curiosidade quer daquelles que aguardam parentes e amigos, quer dos que, indifferentes, esperam apenas ver os forasteiros e desde logo entrar em contacto com elles.

A prancha é lançada ao barranco. Feitas as visitas sanitarias e da policia, grande numero de pessoas invade a "chatinha".

Abrços, cumprimentos amistosos e se formam desde logo varios grupos que palestram. Os que chegam são perseguidos por perguntas sobre as novidades que trazem. Estabelece-se um contacto immediato entre os forasteiros que chegam e os da terra.

Estes são apresentados, e o povo acreano, habil e intelligente, mantém palestra, visando conhecer desde logo com quem vae lidar.



Uma ponte sobre um igarapé, na capital acreana.

Durante a noite da chegada, a "chatinha" é o ponto central da cidade. Para ali convergem todas as atenções. Ali são formados grupos que bebem e haurem com ansiedade as novidades trazidas de Belém e Manáos.

No dia immediato, a cidade se apresenta então ao viajante em plena realidade. Já se póde verificar a que ponto chega o seu adeantamento material, o seu progresso e sua disposição topographica. A impressão tida com a iluminação electrica da noite anterior se desfaz um pouco e verifica-se, então, como o sonho, tornando-se realidade, não tem mais o sabor especial da fantasia.

Rio Branco posta em confronto com as villas e cidades que lhe ficam vizinhas, quer do territorio brasileiro, quer mesmo das fronteiras bolivianas, é muito superior em tudo.

Comparando-a com as cidades littoreanas, verificamos que ainda está com algum atrazo, muito natural em consequencia das difficuldades de communicações, com outras que lhe possam fornecer o que necessita, e para onde haja facilidade em remetter os seus productos.

E' necessario considerar que, para chegarmos a Rio Branco navegamos rio acima durante trinta dias, isto é, que a capital acreana está afastada de Belém, no littoral brasileiro, cerca de um

mez de viagem. Não se póde, portanto, exigir de uma cidade nestas condições o mesmo que se deve encontrar, e se considera até como vulgaridade, nas outras cidades da costa brasileira.

Se Rio Branco estivesse apenas situada em uma das margens do rio, por certo que se teria melhor impressão, olhando-a em conjuncto. Isto, no emtanto, não se verifica. Rio Branco está dividida em tres districtos. Dous delles ficam na margem direita e são: "EMPREZA" e o "BAIRRO QUINZE". O outro fica na margem esquerda: é "PENNAPOLIS". Além destes tres districtos, existe a zona denominada "Colonias", que fica para o interior, depois de Pennapolis.

"EMPREZA" é o districto que, antigamente, dava o nome á actual cidade de Rio Branco. O povo geralmente a denomina "Beyruth", por ser o lugar preferido pelos negociantes, na sua maioria, de origem turca ou syria. "EMPREZA" é o bairro commercial e de maior movimento nocturno. E' situado na margem mais baixa do rio Acre e dahi ser victima das enchentes periodicas. As casas que ali foram construidas, na mór parte, formam a rua principal que margina o rio.

Para além de "EMPREZA", acima do lugar denominado "Curva de Empreza", está o "Bairro Quinze".

Em frente de "Empresa", na margem oposta do rio, acha-se o bairro de Pennapolis. Emquanto aquelle é o bairro commercial, Pennapolis é, agora, a zona onde estão as repartições publicas e, tambem, o bairro residencial. Ali se encontram o palacio do governo, o quartel da Força Publica, o Tribunal de Appellação, o "Forum", a Justiça Federal, a Prefeitura Municipal, o Telegrapho, o Almoxarifado do governo, a Usina Electrica, a Capitania dos Portos, a Agencia do Banco do Brasil, o grupo escolar territorial, o mercado, a Inspectoria Agricola, etc.

Em Rio Branco os navios atracam no bairro de Pennapolis.

Quando ali chegámos, a vasante era grande e tivemos que galgar alto barranco para nos encontrarmos nas ruas de Rio Branco. Verificámos, então, que as casas eram de madeira, algumas cobertas de telha, mas a maioria com folhas de zinco. As construcções de alvenaria são rarissimas. Cerca de duas ou tres, todas proprios do Governo. A construcção de casas de madeira é uma consequencia natural da região, onde abundam os vegetaes que as fornecem das melhores qualidades, tornando assim mais economico o emprego daquella em logar da alvenaria.

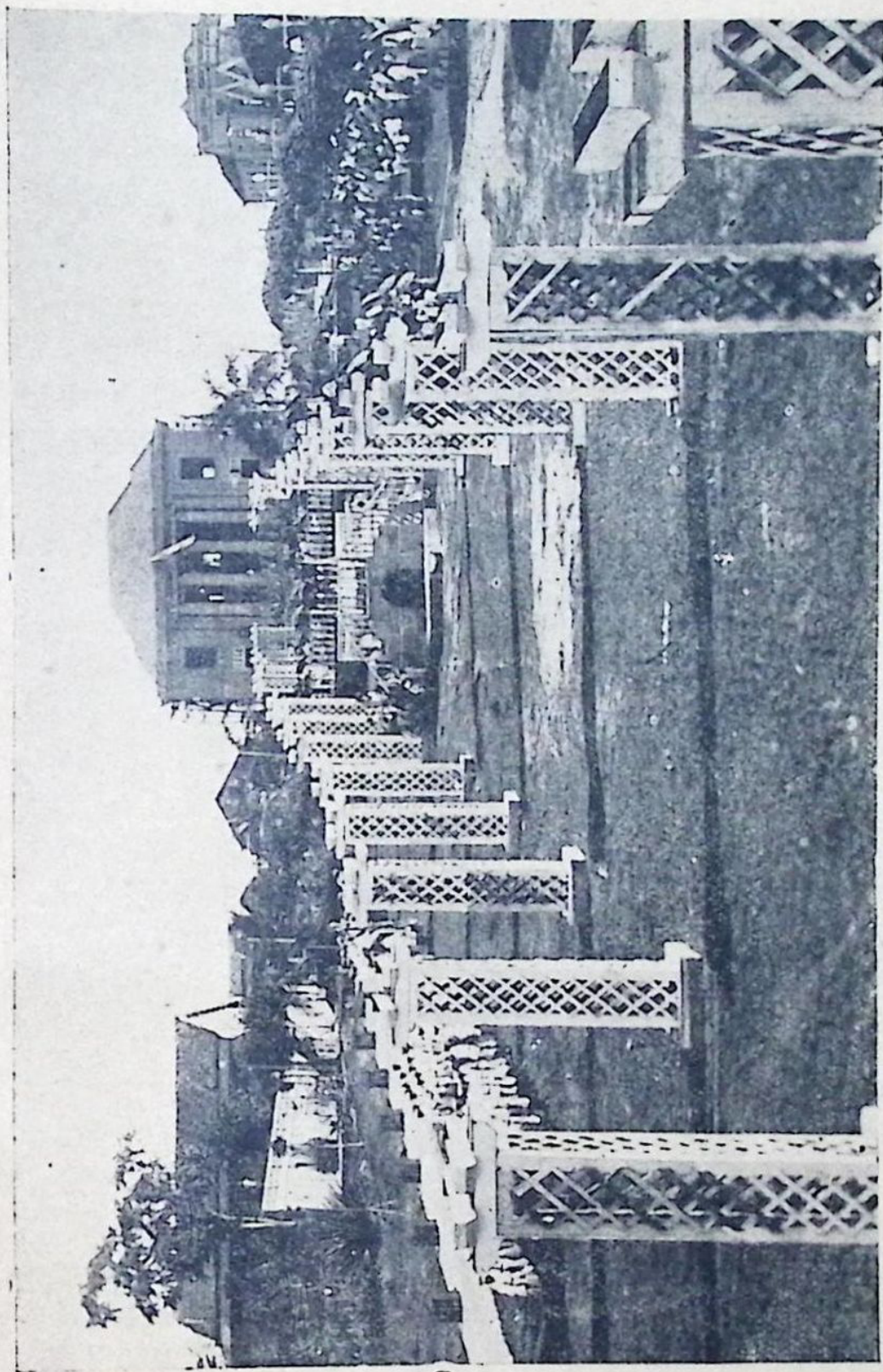
As ruas de Rio Branco não são calçadas. Ha falta completa de pedra e dahi tornar-se despendioso o revestimento a parallelepipedo. O barro vermelho que cobre o sólo, na época das chuvas, torna difficil o transito. Para facilitá-lo aos pedestres e evitar que as ruas percam o abaulamento que lhe é dado, foram construidas sargetas marginaes aos passeios que as ladeam.

Dotada já de alguns modernos melhoramentos e sendo preparada para uma grande cidade, Rio Branco é arborisada, quer nas praça principal, quer nas outras ruas que lhe ficam proximas.

Na parte nova, que é Pennapolis, as ruas são regulares e largas. O aspecto agrada ao forasteiro que chega. Sente-se que ali domina um espirito renovador, que tudo indica uma vida nova.

Da decadencia que em outros logares se nota devido á quêda do preço da borracha ali não se vislumbra vestigio. Ha, apenas, nos antigos moradores, a saudade da abundancia da época aurea do "ouro negro". Essa saudade não chega, no emtanto, ao ponto de desejarem retroceder.

Effectivamente, naquella época Rio Branco tinha vida nocturna. Nos seus hoteis corria a champagne e se bebia em abundancia. Nos diversos clubs de jogo a roleta era o centro de attrac-



A principal praça de Rio Branco, em dia de festa, quando da inauguração do novo palacio do governo que se destaca ao fundo.

ção e as jovens libellulas, que vinham de Belém e Manáos, enriqueciam-se aproveitando a orgia e os momentos de embriaguez dos felizardos que se enchiam com o producto da venda de "péllas" de borracha.

Hoje, Rio Branco não tem movimento nocturno. Vive entregue ao trabalho, numa vida menos facil, porém mais suave. Agora, ali é um centro irradiador de actividade, de cultura, de emprehendimentos.

Em Rio Branco se reúne um grupo selecto de elementos fórmendo uma elite intellectual que, com pouca facilidade se póde encontrar em uma cidade do interior.

Apesar de collocada em meio do rio Acre, dali, pela sua situação na administração, dimanam as ordens para todo o territorio.

Através do rio Acre, a capital acreana se liga com a cidade de Xapury, séde do municipio do mesmo nome e que fica a quatro dias de viagem rio acima.

Subindo mais um pouco o Acre, attinge-se as villas de Brasília e Epitacio Pessoa, aquella na margem esquerda, e esta na direita, á altura da confluencia do affluente Bahia, ambas fronteiras do Brasil, em frente á cidade boliviana de Cobija.

Por via terrestre, communica-se a capital acreana com a cidade de Senna Madureira, séde do municipio do Purús. São cerca de oito dias de viagem por uma estrada que atravessa "varadouros" e que, no periodo das chuvas, se torna intransitavel. Na margem direita do Acre ha tambem caminho terrestre que conduz até a villa de Placido de Castro para o lado do rio Abunã, passando antes pelo leprosario mandado construir na administração Hugo Carneiro, e onde se encontram os atacados pelo mal de Hansen, que, até então, viviam em plena cidade.

Estas communicações difficeis por causa das vasantes e enchentes do rio, pouco prejudicam a administração do territorio que tem para attender-a o excellente serviço de radio de ondas curtas que a põe em contacto com os diversos pontos do territorio e directamente com a séde do governo federal.

Rio Branco possui uma possante estação radio, que diariamente se communica com o Rio de Janeiro e transmite ordens e recebe communicações de Xapury, Senna Madureira, Cruzeiro do Sul e villa Seabra, respectivamente sédes dos municipios de Xapury, Purús, Juruá e Tarauacá. Com villa Epitacio Pessôa, na fronteira boli-

viano-brasileira, tambem Rio Branco se acha ligado por intermedio de radio. Completando esse ligeiro esboço sobre o que é a capital acreana, temos a accrescentar que existem dous grupos escolares, um apprendizado agricola, cinco escolas elementares e uma escola nocturna. Os sports tambem são cultivados com carinho, existindo tres clubs que disputam os louros da victoria e empolgam a população.

Aqui paramos. Estamos no termino da nossa viagem no extremo occidental do Brasil, proximo das fronteiras, na terra em que os nordes-tinos se bateram sob a chefia de Placido de Castro, obrigando que nossos diplomatas reconhecessem que estavam em erro e pleiteassem a integração do Acre ao territorio brasileiro, que a Bolívia considerava como de sua propriedade. Os factos historicos, de grande significação, que ali se desenrolaram não comportam relato nessa narrativa.

Gozando da amizade da população, hospitaleira como a de todo o Brasil; franca e leal como poucas podem ser; intelligente e habil como raras vezes se pode encontrar — pode-se viver no Acre vida feliz e calma. Em Rio Branco, estamos distante cerca de 45 dias do Rio de Janeiro, com o

qual nos communicamos diariamente por intermedio do radio.

A viagem que fizemos foi longa. De Belém até a capital acreana vivemos sobre as aguas da bacia amazonense durante um mez, cada vez penetrando mais pelo Brasil, afastando-nos pouco a pouco da civilização para, depois desse longo periodo, encontrarmos no extremo occidental um dos seus mais promissores centros de actividade humana.

INDICE

INDICE

- I — As commodidades de um “vaticano” — Impressões da primeira etapa — O porto de Jararaca 5
- II — A magestade do Rio Mar — Gurupá, Santarem e suas recordações de viagem — A garganta de Obidos e as emoções de um embarque de gado — Transpondo as lindes amazonenses . 17
- III — A ilha de Marapatá e a lenda — Como a agua barrenta do Rio Mar repreza a escura massa liquida do Negro — Na “cidade-sorriso” — O Solimões e o sinuoso Purús — O primeiro jacaré 31
- IV — A sequencia interminavel das “voltas” e “estirões” do Purús

- As extensas praias engalanadas com a diversidade polychromica das aves — A voracidade dos mosquitos — Os vestigios da decadencia da antiga e prospera cidade de Labréa. — O “casamento pelo rumo” — O rei da matta amazonica 45
- V — As balsas de cedro que vão para os centros industriaes de Manáos e Belém — O abastecimento dagua do “vaticano”, as suas consequencias e o singular medico de bordo — Preparando o selvagem para o ingresso na communitade brasileira — O seringal Caçadué, o posto de protecção aos indios e as actividades que ali se desenvolvem 59
- VI — A vida nocturna de alguns passageiros do “vaticano” — Os effeitos da vasante e a sua rapidez — Como tombam os gigantes da floresta — O inédito espectáculo da quéda de um baranco — As sondagens e as dif-

	ficuldades da navegação — As “chatinhas” e a volta do “vaticano” — O transbordo da carga e a partida da primeira “chatinha”	71
VII —	A partida da segunda “chatinha” em demanda da capital acreana — A “friagem” — As accomodações de uma “chatinha” — A villa de Bocca do Acre — A physionomia do Rio Acre — Attingindo as fronteiras do Territorio do Acre	83
VIII —	Caquetá, a porta de entrada do territorio acreano — A villa de Porto Acre e a sua tradição historica — A “praia de Veneza” e a “Cachoeira” — O “regatão”, um dos typos caracteristicos da região amazonica — Humaytá, Bagaço, Bella Vista e Catuába — Na capital acreana — Rio Branco, sua vida e seus principaes caracteristicos. — Empresa, Pennapolis, Bairro Quinze e Colonias	97

Oficina Grafica

MUNDO MEDICO

BORSOI & C.,

SENADO, 277

Oficina Grafica

MUNDO MEDICO

BORSOI & C.

SENADO, 277

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**